

Revista ADVENTISTA




150
ANOS

DO NOME

ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual, também, temos entrada, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.

E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança;

E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado.

Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.

Porque dificilmente alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que por um homem bom alguém ouse morrer.

Mas Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.

Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele salvos da ira.

Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte do Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida.

E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual, agora, alcançamos a reconciliação. ”

A Bíblia Sagrada
Romanos 5:1-11



DIAS E OFERTAS ESPECIAIS:**NOVEMBRO**

- Encontro Nacional dos Profissionais de Saúde ----- 30/10 a 1/11
- Oferta para a Revista Adventista – **Oferta da União** ----- 13
- Campanha de Evangelização Nacional-----20 a 27
- Convenção Pastoral-----28 a 30

DEZEMBRO

- Dia Mundial da Mordomia----- 4
- Oferta para a ADRA-Portugal – **Oferta da União** ----- 11
- Concertos de Natal, R.E. Lisboa e Norte-----18 e 19
- Convenção Nacional de Colportores----- 27 a 29
- Oferta para o 13º Sábado
– **Oferta da Divisão** – Divisão Central Oeste Africana ----- 27 a 29

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

Este mês de Novembro vamos orar pelos planos e necessidades dos seguintes campos e instituições da nossa Divisão:

- 1 a 5 – Associação do Norte da Transilvânia (RU)
- 8 a 12 – Centro de Meios Audiovisuais Stimme der Hoffnung (Voz da Esperança) (EUD)
- 15 a 19 – União do Sul da Alemanha (SGU)
- 22 a 26 – Casa Publicadora Búlgara (BU)
- 29/11 a 3/12 – Fábrica Alemã de Alimentos Saudáveis (EUD)

COMUNICAÇÃO**“TEMPO DE ESPERANÇA”**

No programa “Fé dos Homens”, na RTP2, com transmissão diária de Segunda a Sexta-feira, a partir das 18:00h, e na Antena 1 a partir das 22:47h, a Igreja Adventista terá um espaço nas seguintes datas:

- Quarta-feira, 17 de Novembro
- Segunda-feira, 29 de Novembro
- Segunda-feira, 27 de Dezembro
- Quinta-feira, 30 de Dezembro

“CAMINHOS”

Na RTP2, às 09:00h e na Antena 1 a partir das 06:00h.

- Domingo, 05 de Dezembro

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE**3 Memo/Anúncios****4 Página do Leitor**

Um Certo Discípulo

5 Editorial

1860-2010:

Adventistas do Sétimo Dia

6 Dossier 150 Anos

Um Nome com 150 Anos

– Organização

13 A Igreja em Acção**17 Destacável**

Catálogo de Natal – PSeVir

23 Dossier 150 Anos

Um Nome com 150 Anos

– A Escolha

29 Religião e Ciência XIX

A Verdade Sobre o Cristianismo VII

– Os Verdadeiros Culpados dos

Crimes da História

35 Anúncios da UPASD

PUBLICADORA
SERVIR

CASA ABERTA

4 DE DEZEMBRO

AVEIRO



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Revista ADVENTISTA

“Eis que cedo venho”

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S.A.

Director: José Eduardo Teixeira

Coordenador Editorial: Manuel Ferro

Chefe de Redacção: Paulo Sérgio Macedo

Colaboradores de Redacção:

Ernesto Ferreira e Lara Varandas

Diagramação: Sara Calado

São bem-vindos todos os manuscritos, mesmo os não solicitados, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso. Se forem enviadas fotos, elas só serão devolvidas em caso de pedido expresso, senão ficam a fazer parte do arquivo da Publicadora SerVir.

E-mail: revista.adventista@pservir.pt

Proprietária e Editora:

Publicadora SerVir, S.A.

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 201

Director Comercial: Enoque Pinto

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Paula Raimundo

e-mail: assinaturas@pservir.pt

Tel. 219 626 219 – Fax 219 626 201

Expedição e Armazém:

R. da Serra, 1 – Sabugo

2715-398 Almargem do Bispo

Tel. 219 626 200 – Fax 219 626 202

Impressão e Acabamento:

Rolo & Filhos II, S.A.

Mafra

Tiragem: 1800 exemplares

Depósito Legal N.º 1834/83

Preço: Número Avulso: €1,70

Assinatura Anual: €17,00

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E.R.C. –

DR 8/99 art.º 12.º N.º 1a

ISSN 1646-1886

Ano 71 – N.º 762 / NOVEMBRO 2010



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

As Vozes da Igreja

UM CERTO Discípulo

'E havia em Damasco um certo discípulo chamado Ananias; e disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! ... Levanta-te e vai à rua chamada Direita, e pergunta... por um homem chamado Saulo...' Actos 9:10, 11.

*Oh! Como eu gostaria de ser 'um certo discípulo'!
Receber o chamado,
Compreender a ordem,
Saber das dificuldades
E, no entanto, ir!*

*Como é bom saber-me 'um certo discípulo'!
Ter ouvido também o chamado,
Saber o que me compete fazer
E... ir!*

*Porque eu posso deixar de ser um 'certo discípulo'!
Anónimo ou nomeado, pouco importa.
Se entender o chamado
Mas ficar arrazoando,
Pensando nos prós e nos contras
Indagando acerca da oportunidade...
Deixando-me ficar!*

*Quantas vezes não tenho sido 'um certo discípulo'!
Procurando refugiar-me no meu lugar...
Na minha casa...
Na minha incapacidade...
Na tarefa que é mais própria para outro.*

*Meu Deus,
Quero ouvir de novo o teu chamado!
Perdoa-me as vezes que o tenho silenciado.
Mantém-me a mente aberta
Para entender quando me disseres,
Mais uma vez:
Levanta-te! Vai!
E, deixando tudo,
Posso voltar a ser
'Um certo discípulo'!*

Lara Varandas

Pedro Ivo Redactora da Publicadora SerVir

Enviar para:

Revista Adventista (A/C Lara Varandas) Publicadora SerVir, S.A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo

ou para: lara.pservir@sapo.pt

EDITORIAL

1860-2010: ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

“Não temos nada a temer do futuro, a menos que nos esqueçamos da forma como o Senhor nos conduziu até aqui, e dos Seus ensinamentos na nossa história passada.” – Ellen G. White.

Tudo nele era estranho. A forma de vestir, o seu olhar, a barba enorme e desgrenhada. Claro que também era de esperar que o seu nome fosse peculiar: “Thungée”. Era filho do rei de uma tribo originária

da Nova Zelândia que, quando os primeiros missionários ali chegaram, se convertera ao Adventismo. O Thungée foi o primeiro da tribo a nascer cristão. Os anos passaram e o velho missionário aprendeu que a melhor forma de consolidar a nova fé, que trouxe um novo estilo de vida à tribo, e de poder chegar a tantas outras com o evangelho, era com gente deles, capaz de, sem reservas, os compreender. E, acima de tudo, explicar o amor de Cristo com o seu código de imagens e as suas referências culturais.

Thungée era, desejavelmente, o primeiro entre os muitos que se esperava virem a ser missionários. Para ter a melhor formação possível, ele foi enviado para o colégio adventista de Avondale, na Austrália. Mesmo dentro de um fato tipicamente ocidental e os pés metidos nuns sapatos que tanto o incomodavam, era impossível não ser notado por onde passava. Lutava contra a tristeza da inadequação cultural, mas estava motivado pelo amor a Cristo e aos outros. Depressa chegou a sua vez para se inscrever. Na recepção encontrava-se uma senhora, que em tudo contrastava com ele; acolheu-o com um sorriso, que não se percebia se era de medo ou espanto, por ser tão forçado.

“Como é que te chamas, jovem?” “Thungée!”, respondeu, com orgulho. “Thun... quê?”, retorquiu a senhora, “mas tu achas que por aqui alguém te vai chamar assim? Sabes uma coisa, vais passar a ser conhecido por John Smith, como toda a gente!” Thungée estava disposto a tudo, andar de sapatos, vestir como os outros esperavam que se vestisse, comer alimentos que o seu paladar jamais tinha experimentado! Mas o seu nome era a sua história, a sua identidade, o que o definia como pessoa e que o qualificava para ser o primeiro dos missionários nativos. “Thungée” significava “o presente de Deus para a sua família”.

Um “nome” é uma palavra, ou conjunto de palavras, pelas quais alguém (indivíduo, grupo de indivíduos, entidade ou coisa) é conhecido, identificado ou evocado. Muitas vezes chega a definir as origens ou a história; mas, no mínimo, o que sempre faz é representar uma identidade distinta das outras.

A Bíblia é a principal fonte de nomes pessoais para o antigo Israel. As suas narrativas preservam uma larga variedade de nomes, que, quando analisados cuidadosamente, fornecem uma quantidade precisa de informação. A maioria dos nomes Israelitas, em geral, têm um significado compreensível e legível. Os pais escolhiam os nomes de uma criança conscienciosamente, segundo o seu significado, sendo que muitos eram frases passíveis de serem traduzidas. Podiam expressar o reconhecimento ou gratidão pela intervenção de Deus na sua vida,¹ os desejos dos pais para os filhos,² as convicções parentais,³ as circunstâncias do nascimento da criança.⁴ Outras vezes, os nomes incluíam indicações geográficas, genealógicas, ou mesmo profissionais.⁵ A Bíblia ilustra ainda a importância e o poder de usar certos nomes. Os Israelitas obedientes seriam “chamado(s) pelo nome do Senhor”.⁶ Mensageiros de Deus falaram em Seu nome.⁷ Outras vezes, o nome de alguém

era alterado, demonstrando mudanças de vida e a fidelidade que era devida àquele que tinha o poder de o fazer.⁸

Fez 150 anos, no passado mês de Outubro, que os nossos irmãos, em assembleia geral, discutiam para encontrar um nome que nos identificasse como Igreja. A *Review* tinha sido, durante esse Verão, o local privilegiado para a discussão. Todos queriam que, tal como os nomes bíblicos, a Igreja fosse identificada por um nome que facilmente permitisse a leitura da sua origem, da sua pertença a Cristo, das suas convicções e missão. No fundo, que o nome fosse marca de identidade clara. Muitos nomes surgiram, como prova de vida e de criatividade. Contudo, rapidamente a designação “Adventistas do Sétimo Dia” foi aceite por todos. A sua leitura era de fácil compreensão, e não só salientava a nossa fé na breve volta de Cristo, mas também revelava que éramos observadores do Sétimo Dia, o Sábado. Tão unânime foi a assembleia aquando da votação desta proposta, que apenas um homem votou contra, mas depressa retirou a sua objecção. Um dos testemunhos daqueles dias ficou registado assim: “Não podemos adoptar outro nome melhor do que esse, que concorda com a nossa doutrina, exprime a nossa fé e nos caracteriza como povo peculiar.”

Hoje, muita coisa se tornou diferente, em relação à realidade da Igreja naqueles dias. Tornámo-nos definitivamente uma Igreja mundial, e apenas esse facto é suficiente para encontrar razões para essa diferença. Não importa se cantamos em português ou em coreano, se comungamos debaixo de um telhado de colmo, sentados no chão, ou numa igreja repleta de condições estruturais e físicas. Contudo, importa que tenhamos sempre presente as raízes da nossa identidade, ganha nas Sagradas Escrituras e bem definida pelas heranças adquiridas ao longo do tempo, bem antes do nome Adventistas do Sétimo Dia ter surgido. Mais do que nunca, necessitamos de conhecer o Senhor da Igreja para que esta continue a ser Sua, e a cumprir a Sua missão, aguardando coerente e dignamente o Seu retorno.

Pastor Rúben de Abreu

Secretário da UPASD

Referências

1. Elnatan/Natanael : “Deus deu este filho (criança); Shemaiah: “Yahweh ouviu (as orações parentais)”.
2. Ezequiel: “Que o Senhor possa fortalecer (esta criança); Jehiel: “Que o Senhor possa preservar (esta criança)”.
3. Joel: “O Senhor é (o meu) Deus”; Uzziel: “Deus é a minha força”.
4. Benoni: “Filho da minha dor/tristeza”; Icabó: “Foi-se/onde está a glória do Senhor!(?)” Alguns nomes sugerem mesmo que o recém-nascido era visto como uma espécie de substituto de alguém que tinha falecido. Ex. Eliashub: “Deus restaura”; Menachem: “Consolador”.
5. Golias de Gath; Simão Bar Jonas (Filho de Jonas); Simão o curtidor.
6. Deuteronomio 28:10.
7. II Samuel 12:7; Actos 4:18.
8. Alguns nomes mudados por Deus: Abram para Abraão (Génesis 17: 5); Sarai para Sara (Génesis 17: 15); Jacob para Israel (Génesis 32: 28); segundo Marcos 3:16 Jesus também mudou o nome de Simão para Pedro. Alguns nomes mudados por autoridades humanas: Eliaquim para Joaquim (II Reis 23:34); Matanias para Zedequias (II Reis 24:17); Daniel para Belteshazar (Daniel 1:6 e 7).



UM NOME
COM 150 ANOS
ORGANIZAÇÃO*

J. N. Loughborough

“Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros, como já te mandei.”¹

Na propagação da mensagem do terceiro anjo, passaram-se doze anos (desde 1846 a 1858) até que o nosso povo compreendesse a necessidade de uma qualquer associação mais formal do que simplesmente a crença na verdade e o amor cristão. Embora o Senhor, mediante o dom de profecia, tenha falado ao Seu povo acerca deste assunto, pareceu serem precisas algumas experiências adversas para despertar neles plenamente um senso da necessidade da organização de Associações, Igrejas e Uniões para a gestão das coisas temporais da causa.

OPOSIÇÃO À ORGANIZAÇÃO

Numa nota de rodapé, na página 12 do livro *Supplement to Experience and Views*, publicado em 1853, o Pastor Tiago White diz: “Depois de passar o tempo, em 1844, instalou-se uma grande confusão, e a maioria opunha-se a qualquer organização, argumentando que tal era inconsistente com a perfeita liberdade do Evangelho! A Sra. White sempre se opôs a toda e qualquer forma de fanatismo, e desde logo afirmou que era necessária alguma forma de organização, a fim de prevenir e de rectificar a confusão. Poucos, nos dias actuais, conseguem apreciar a firmeza que era então exigida para manter a sua posição contra a anarquia prevalente.”

A união que tem existido entre os Adventistas do Sétimo Dia tem vindo a ser grandemente nutrida e mantida pelos seus atempados avisos e instruções.



GEORGE STORRS E A ORGANIZAÇÃO

A citação seguinte de George Storrs, escrita em 1844, irá mostrar o que era ensinado relativamente ao tema da organização àqueles que se tinham separado das suas igrejas devido à proclamação do advento: “Tenham cuidado para não procurarem organizar uma outra igreja. Nenhuma igreja pode ser organizada mediante a invenção do homem sem que se torne Babilónia *no preciso momento em que é organizada*. O Senhor organizou a Sua própria Igreja através dos fortes laços do amor. Nada mais forte do que isso pode ser criado; e quando esses laços não mantiverem juntos os professos seguidores de Cristo, eles deixam de ser Seus seguidores, e, como seria de esperar, desagregam-se do corpo.”²



ORDEM NOS TEMPOS APOSTÓLICOS

Os Adventistas do Sétimo Dia, como anteriormente afirmado, permaneceram, durante muitos anos, sem uma organização formal de qualquer tipo, não tendo sequer uma organização para a Igreja. Qualquer pessoa que tivesse coragem moral para aceitar a verdade e ser-lhe obediente sob a pressão da oposição do exterior que então se manifestava, era considerada honesta e digna do amor e do companheirismo cristãos. Houve um tempo, nos dias dos apóstolos, em que se tornou necessário que se pusesse “em boa ordem as coisas que ainda restam”.³ Cerca do ano 65 d.C., Tito foi autorizado a, “de cidade em cidade”, onde houvesse crentes, estabelecer “presbíteros” e Timóteo recebeu instruções muito concisas nesta matéria.⁴



TIAGO WHITE ACERCA DA ORGANIZAÇÃO

Os textos seguintes do Pastor Tiago White, relativamente à organização e à disciplina, foram publicados na *Review* de 4 de Janeiro de 1881: “A organização foi designada para assegurar a unidade de acção e como uma protecção contra os impostores. O seu objectivo nunca foi ser um castigo destinado a forçar à obediência, mas sim como uma protecção para o povo de Deus. Cristo não empurra o Seu povo; Ele chama-o. 'As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz, Eu conheço-as, e elas Me seguem.' A Cabeça da Igreja, Cristo, lidera o caminho e chama o Seu povo a segui-l'A.

“Os credos humanos não geram unidade. A força da Igreja não pode pressionar essa Igreja a ser um só corpo. Cristo nunca designou que as mentes humanas fossem moldadas com o objectivo de alcançar o Céu pela influência de outras mentes humanas. 'Cristo é a cabeça de todo o varão.' A Sua parte é liderar, moldar e imprimir a Sua própria imagem nos herdeiros da glória eterna. Por muito importante que a organização seja para a protecção da Igreja e para assegurar a harmonia de acção, não deve retirar das mãos do Mestre a disciplina.



UNIDADE ENTRE DOIS EXTREMOS

“Entre os dois extremos da Igreja – a força e a independência não santificada – encontramos o grande segredo para a unidade e a eficiência no ministério e na Igreja de Deus. A nossa atenção é chamada para este tema no mais solene apelo do venerável apóstolo Pedro feito aos anciãos do seu tempo: 'Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou, também, presbítero

com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há-de revelar: Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho; E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória. Semelhantemente vós, mancebos, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte.”⁵

SIMPLICIDADE E FORMA DA ORGANIZAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO

“Aqueles que delinearam a forma de organização adoptada pelos Adventistas do Sétimo Dia trabalharam no sentido de incorporar nela, tanto quanto possível, a simplicidade de expressão e de forma encontrada no Novo Testamento. Quanto mais se manifestasse o espírito do Evangelho e quanto mais simples fosse, mais eficiente se demonstraria o sistema.

“A Conferência Geral tem ao seu encargo a supervisão geral da obra em todos os seus departamentos, incluindo as Associações dos Estados. A Associação de Estado faz a supervisão geral de todos os departamentos da obra no Estado, incluindo as igrejas nele existentes. E a Igreja é um corpo de cristãos associados mediante o simples pacto de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

OS OFICIAIS DE IGREJA SÃO SERVOS

“Os oficiais de uma igreja local são servos dessa igreja, e não senhores que possam dirigi-la pela força. 'Porém, o maior de entre vós será vosso servo.'⁶ Estes oficiais deveriam dar aos membros da Igreja exemplos de paciência, vigilância, oração, bondade e liberalidade, e deveriam manifestar para com aqueles a quem servem uma grande quantidade daquele amor que está patente na vida e nos ensinamentos do Senhor.”

O PRIMEIRO TESTEMUNHO ACERCA DA ORDEM

No suplemento de *Experience and Views*, publicado em 1853, é dada instrução especial no que respeita à questão da ordem do Evangelho. Na página quinze lemos o seguinte:

“A Igreja deve refugiar-se na Palavra de Deus e estabelecer-se segundo a ordem do Evangelho, a qual tem vindo a ser passada por alto e negligenciada. Isto é indispensavelmente necessário a fim de se conduzir a Igreja a uma unidade de fé.”

É NECESSÁRIA ORDEM PERTO DO FIM

Num testemunho dado em 23 de Dezembro de 1860, lemos: “À medida que nos aproximamos do tempo do fim, Satanás desce com grande poder, sabendo que tem pouco tempo. O seu poder é especialmente exercido sobre o remanescente. Ele pelejará contra eles e buscará dividi-los e espalhá-los, a fim de os enfraquecer e poder vencê-los. O povo de Deus precisa de agir com inteligência e unir-se nos seus esforços. Deveriam ter a mesma intenção e o mesmo

bom senso; então os seus esforços não serão dispersados, mas falarão convincentemente em favor da causa da verdade presente. É necessário que a ordem seja observada, e que haja união em manter essa ordem, ou Satanás obterá vantagem sobre eles.”⁷

A ORDEM DOS ANJOS DEVE SER IMITADA

No Testemunho número 14, publicado em 1868, lemos: “Quanto mais atentamente imitarmos a harmonia e a ordem da hoste angélica, tanto mais bem sucedidos serão os esforços desses agentes celestiais em nosso favor. Se não vírmos necessidade de acção harmoniosa, e formos desordenados, indisciplinados e desorganizados no nosso modo de agir, os anjos, que são totalmente organizados e se movem em perfeita ordem, não conseguem agir com sucesso em nosso favor. Eles afastam-se entristecidos, pois não estão autorizados a abençoar confusão, desordem e desorganização.

DEUS AINDA É UM DEUS DE ORDEM

“Deixou o Senhor de ser um Deus de ordem? Não. Ele é o mesmo tanto na presente dispensação como na passada. Diz Paulo: 'Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz.' I Cor. 14:33. Ele é tão específico hoje como então. Deseja que aprendamos lições de ordem e organização a partir da perfeita ordem instituída nos dias de Moisés para benefício dos filhos de Israel.”⁸

A ORAÇÃO DE CRISTO POR ORDEM

Num testemunho escrito em 1882, vemos o mesmo sentimento

expresso nestas palavras: “A preocupação expressa na última oração do nosso Salvador pelos discípulos, antes da Sua crucificação, foi que imperassem união e amor entre eles. ... ‘E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão-de crer em Mim; para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste.’”⁹

O PERIGO DA INDEPENDÊNCIA INDIVIDUAL

Em 1885 foi dado este testemunho: “Temos de ter cuidado com um ponto, e esse é a independência individual. Como soldados no exército de Cristo, deve haver harmonia de acção nos vários departamentos da obra.”¹⁰

SATANÁS DELEITA-SE EM DESTRUIR A ORDEM

Num testemunho especial publicado em 1895, lemos: “Oh! Como Satanás se regozijaria em penetrar no meio deste povo, e desorganizar a obra num tempo em que a organização integral é essencial, e constitui a maior força para evitar os levantamentos espúrios e refutar pretensões não abonadas pela Palavra de Deus! Precisamos de manter as fileiras uniformemente, para que não haja quebra do *sistema* de organização e ordem.”

RECOMENDAÇÃO DOS MINISTROS

Um dos primeiros pontos a serem considerados no estabelecimento da ordem entre o nosso povo, em acordo com os testemunhos acabados de citar, era o modo de reconhecer aque-

les que pregavam a mensagem. Entre 1850 e 1861, o método aplicado foi o de conceder uma carta aos ministros que tivessem dado provas do seu dom, e que estivessem evidentemente aprovados pelo Senhor e em harmonia com toda a obra, recomendando-os à Igreja do povo do Senhor em todo o mundo, testificando simplesmente que tinham sido aprovados na obra do ministério do Evangelho. Estas cartas eram datadas e assinadas por dois dos principais ministros, reconhecidos pelo nosso povo como sendo líderes na obra.

APOIO MINISTERIAL

No Inverno de 1858-1859, foi dada uma instrução sobre o facto de que a Bíblia continha um sistema completo de apoio ao ministério, e que se o nosso povo estudasse o assunto do ponto de vista das Escrituras saberia de que sistema se tratava. Em conformidade com a mesma, foi criada, em Battle Creek, uma classe bíblica presidida pelo Pastor J. N. Andrews. Depois de um estudo cuidadoso das Escrituras com oração, foi preparado e publicado um artigo na *Review* de 3 de Fevereiro de 1859, apresentando um plano que defendia o princípio da doação de dízimos. Uma apresentação da medida foi submetida a uma larga assembleia do nosso povo reunida num encontro geral em Battle Creek, no Michigan, em 6 de Junho de 1859, e aquela foi unanimemente adoptada pelo voto de toda a assembleia.

RECOMENDADA A ORDEM ESTABELECIDADA

No Testemunho número 6, de 1861, o Senhor assim falou, através da Sra. White, em relação ao sistema que tinha sido adoptado pelos Adventistas do Sétimo Dia: “Não roubem a Deus pela retenção de dízi-

mos e ofertas. O primeiro e sagrado dever é devolver a Deus a devida parcela. Não permitam que alguém introduza as suas exigências, levando-os a roubar a Deus. Não permitam que os vossos filhos roubem as vossas ofertas do altar de Deus, usando-as para proveito próprio.

O SISTEMA DO DÍZIMO DESENVOLVE O CARÁCTER

“Vi que o sistema de dízimos, desenvolveria o carácter e manifestaria o verdadeiro estado do coração. Se esse assunto for apresentado aos irmãos no seu verdadeiro sentido, e se se permitir que eles se decidam por si mesmos, verão sabedoria e ordem no sistema do dízimo.”

Desta forma, foi estabelecido entre os Adventistas do Sétimo Dia um sistema de finanças que visa apoiar a obra do ministério e que é agora usado pelo nosso povo ao redor do mundo.

Na *Review* de 21 de Julho de 1859, como resultado das instruções previamente dadas através dos Testemunhos, foi desde logo sugerido que cada Estado realizasse um encontro anual em que se elaborasse um cuidadoso planeamento da obra; e assim se evitasse a desorganização que frequentemente se verificava no trabalho ministerial, e que ordem e organização fossem observados na nossa obra. Esta sugestão visava verdadeiramente a formação e organização de Associações de Estado.

GARANTIR A PROPRIEDADE DA IGREJA

À medida que a mensagem era proclamada e os números aumentavam, verificou-se, naturalmente, uma acumulação das propriedades, o

que levantou a questão da posse legal das propriedades da Igreja. Num artigo do Pastor White, encontrado na *Review* de 23 de Fevereiro de 1860, lemos o seguinte: “Esperamos, no entanto, que não esteja longe o tempo em que este povo se encontre na posição de ser capaz de assegurar a propriedade da Igreja, possuir as suas casas de reunião de uma maneira apropriada, que aqueles que fazem testamentos, e assim o desejem, possam atribuir uma porção ao Departamento de Publicações. Pedimos aos nossos pastores e membros dirigentes que atentem para este assunto. Se tiverem alguma objecção às nossas sugestões, poderão eles delinear um plano sobre o qual nós, como povo, possamos actuar?”



ORGANIZAÇÃO LEGAL APOIADA

Durante o Verão deste ano [1860], manteve-se um debate mais ou menos amigável sobre este assunto na *Review*. E, numa assembleia geral de representantes do nosso povo vindos do Estado do Michigan e de muitos outros Estados, realizada em Battle Creek entre 28 de Setembro e 1 de Outubro, tomou-se a questão em franca consideração e levou-se a efeito uma discussão ampla e aberta acerca da organização legal com o propósito de possuir escritórios e outras propriedades da Igreja – casas de reunião, etc.. Esta discussão é encontrada na sua totalidade no volume XVI, números 21, 22 e 23, da *Review*, de 9, 16 e 27 de Outubro, de 1860.

Como resultado das deliberações deste encontro, votou-se, unanimemente, que se organizasse de forma legal uma Associação de Publicações, e de modo a que tal corporação pudesse ser estabelecida tão rapidamente quanto possível, a assembleia elegeu um comité constituído por cinco pessoas.

UM NOME DENOMINACIONAL

Esta assembleia também tomou em consideração a questão do nome pelo qual o nosso povo deveria ser chamado. Isto fez soar, mais uma vez, uma diversidade de opiniões, uns argumentando a favor de um nome e outros a favor de outro. A proposta “Igreja de Deus” foi objectada com o argumento de que não continha nenhuma das características distintivas da nossa fé, enquanto que a designação “Adventistas do Sétimo Dia” não só salientava a nossa fé na breve volta de Cristo, mas também revelava que éramos observadores do Sétimo Dia, o Sábado. Tão unânime foi a assembleia aquando da votação na segunda proposta, que apenas um homem votou contra, mas depressa retirou a sua objecção.



O NOME APROVADO

No Testemunho número 6, lemos: “Não podemos adoptar outro nome melhor do que esse, que concorda com a nossa doutrina, exprime a nossa fé e nos caracteriza como povo peculiar. ...

“O nome Adventista do Sétimo Dia exhibe o verdadeiro carácter da nossa fé e será próprio para persuadir os espíritos indagadores. Como uma flecha da aljava do Senhor, fere os transgressores da lei divina, induzindo ao arrependimento e à fé no nosso Senhor Jesus Cristo.” O objectivo deste testemunho era definir para sempre esta questão na mente dos crentes.



A FUNÇÃO DO VERDADEIRO DOM

Não é este o campo de actuação especial da manifestação dos dons do Espírito de Deus? Paulo afirmou que eles foram estabelecidos na Igre-

ja para “o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé”.¹¹ Quão apropriado seria, depois de os crentes terem piedosamente e em humildade procurado a luz, o Espírito ter falado e dito: “Este é o caminho; as vossas conclusões estão correctas”; e depois “edifiquem” a Igreja mais profundamente, como neste caso, permitindo-lhes conhecer o alcance prático da questão e alguns dos resultados positivos que iriam decorrer das suas decisões.



ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Numa apreciação elaborada pelo Pastor Tiago White, antes da Sessão da Conferência Geral em Battle Creek, em Abril de 1861, e publicada na *Review* de 11 de Junho de 1861, ele apresentou a ideia de uma mais completa organização das nossas igrejas. Por convite, nove pastores criaram uma comissão bíblica a fim de obter luz sobre este assunto, e foi-lhes pedido pela Conferência que publicassem os resultados daquela investigação na *Review*. Depois de apresentarem o testemunho das Escrituras relativamente à ordem na Igreja e aos oficiais de Igreja, considerou-se o tópico da igual representação dos diferentes Estados na Conferência Geral, bem como representação adequada e igual de igrejas nas Associações de Estado. Na verdade, esta foi a primeira vez que se apresentou a ideia de se ter delegados devidamente eleitos para as reuniões gerais numa proporção igual com a qual se pudesse concordar.



CONFERÊNCIA DO ESTADO DO MICHIGAN ORGANIZADA

No dia 6 de Outubro de 1861, organizou-se a Conferência do

Michigan mediante a eleição de um presidente, de um secretário e de um conselho executivo composto por três pessoas. Por voto da Conferência, recomendou-se que as igrejas se organizassem, adoptando o seguinte como um pacto da Igreja: “Nós, os abaixo assinados, associamo-nos, por este meio, como uma Igreja, adquirindo o nome Adventistas do Sétimo Dia; concordando em guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus Cristo.”

CRENCIAIS DOS MINISTROS

Nesta Conferência foi pela primeira vez decidido que deviam ser atribuídas credenciais a todos os ministros Adventistas do Sétimo Dia neste Estado, que estivessem numa situação regular com a Igreja, e que os ministros deveriam fazer-se acompanhar de documentos que consistiriam de um certificado de ordenação e de credenciais assinadas pelo Presidente e pelo Secretário da Conferência, e essas credenciais deveriam ser renovadas anualmente.

Também foi votado que se elege-se uma comissão que preparasse um comunicado apresentando ao nosso povo as formas de procedimento na organização de igrejas. Este comunicado foi publicado na *Review* de 15 de Outubro de 1861.

CRENCIAIS DOS DELEGADOS

No mês de Setembro de 1862, a Conferência do Michigan realizou a sua primeira sessão em Monterey. Aqui, pela primeira vez, foi apresentada a ideia de receber as igrejas nas Conferências assim como os membros eram votados para entrar nas igrejas. Como já se tinham organizado dezassete igrejas no Estado, estas,

por voto, participaram na Conferência; e todos os membros destas igrejas que ali estavam presentes foram aceites como delegados.

SALÁRIOS DOS PASTORES

Foi, também, nesta Conferência que se adoptou o plano de pagar aos ministros uma certa quantia por semana pelos serviços prestados. Aos ministros, por seu lado, era solicitado que relatassem o tempo despendido no trabalho na Conferência, com as suas receitas e despesas; e a Conferência faria o devido pagamento depois de receber este relatório.

CRENCIAIS APRESENTADAS PELA PRIMEIRA VEZ PELOS DELEGADOS

Em 20 de Maio de 1863, teve lugar em Battle Creek, no Michigan, a Sessão da Conferência Geral. Foi a primeira sessão em que os delegados apresentaram credenciais passadas pelos seus respectivos Estados. No entanto, a representação não era feita numa base numérica. Os Estados representados nesta ocasião foram os do Michigan, do Wisconsin, do Iowa, do Minnesota, o de Nova Iorque e o do Ohio.

ESTATUTOS DA CONFERÊNCIA GERAL E DA CONFERÊNCIA DE ESTADO

Em 21 de Maio, a Conferência Geral adoptou um estatuto e, no mesmo dia, foi recomendado um estatuto de Estado às Associações de Estado. Este foi adoptado na sessão

da Conferência do Michigan. Estes estatutos proporcionavam uma base numérica para a representação dos delegados nas Conferências de Estado e na Conferência Geral. O estatuto de Estado ali recomendado é praticamente aquela que é usada hoje em dia pelas setenta e duas associações locais espalhadas pelo mundo.

Na Conferência Geral, na Primavera de 1864, foi feita uma primeira recomendação à Associação de Estado no sentido de que se elege-se uma Comissão de Auditoria composta por membros leigos que não tivessem estado ao serviço da Associação durante aquele ano, para trabalharem em conjunto com o Conselho Executivo na verificação das contas e no pagamento de salários aos pastores. Assim, a pouco e pouco, à medida que a necessidade o exigia, a ordem foi estabelecida na obra e na causa de Deus.

Desta forma, reconstituímos resumidamente os passos que conduziram à organização formal da obra. Isso foi feito quando a denominação era ainda muito pequena, em comparação com aquilo que é nos dias que correm.

Quando a Conferência Geral foi completamente organizada, em 1863, o número total de delegados não era tão alargado como os que temos anualmente nalgumas das pequenas Associações locais.

OBJECTIVO DA ORGANIZAÇÃO

O objectivo a ser atingido pela organização era o de que a posse das propriedades da instituição pudesse ser garantida pela lei e as mesmas legalmente administradas; e que os obreiros na obra pudessem agir de forma harmoniosa, sem confusão, dado que a sua actuação estava de acordo com as normas e, por isso, liberta de transtornos. Os mesmos

princípios que foram adoptados na nossa organização a partir de 1864, foram integrados na obra à medida que esta se alargava e expandia a outros países e outras nacionalidades.



FORMADAS ORGANIZAÇÕES GERAIS

À medida que se proclamava a mensagem, formaram-se as seguintes organizações gerais, cujos oficiais foram eleitos nas sessões regulares da Conferência Geral:

Associação da Conferência Geral – uma instituição legal, constituída por 21 membros, criada com o intuito de ser detentora do título de propriedade das várias instituições na América e noutros países.

Conselho das Missões Estrangeiras – criado a fim de dirigir e alargar a obra missionária fora das Associações organizadas.

Sociedade Internacional de Tratados – cuja responsabilidade era a distribuição de material de leitura e a correspondência, com vista à abertura de novas missões.

Associação da Liberdade Religiosa – o seu campo especial de acção começou por ser o de ajudar aqueles que eram perseguidos por uma questão de consciência, e o de fazer circular literatura relativa aos princípios de liberdade religiosa.

Associação Internacional da Escola Sabatina – cujo objectivo era o de implementar e fomentar a obra da Escola Sabatina em todos os campos de trabalho.

Associação Médica Missionária e de Benevolência – estando a sua obra relacionada com a preparação de médicos e enfermeiros, com a administração de sanatórios, de orfanatos, do cuidado de idosos, etc..



O CAMPO DE ACÇÃO ATÉ 1868

Até 1868, o nosso campo de trabalho incluía a área dos Estados Unidos localizada a este do Rio Missouri e a norte do paralelo de latitude correspondente à parte sul do Missouri. Nessa altura, o Conselho da Conferência Geral era constituído por apenas três membros, sendo o Presidente da Conferência um dos membros. As oito Conferências locais estavam todas debaixo da supervisão da Conferência Geral, cujos escritórios se situavam em Battle Creek, no Michigan.



PORQUE FOI NECESSÁRIA UMA REORGANIZAÇÃO

À medida que a mensagem se expandia noutros territórios, surgiu a necessidade de uma reorganização de todo o campo de trabalho. Desta forma, em 1897, foram dados passos nesse sentido; mas esta reorganização foi mais perfeitamente completada nos últimos quatro anos, durante os quais foi organizada uma Conferência Geral Europeia, formada por um Conselho Executivo de catorze membros; e a Conferência Geral original, com os seus escritórios em Washington D. C., passou a ter um Conselho Executivo composto por vinte e oito membros, representando todos os diversos interesses da mensagem, e ocupando o lugar de algumas Associações gerais que cessaram as suas funções.



SITUAÇÃO ORGANIZATIVA – 1 DE JANEIRO, 1903

O que se segue, retirado do Anuário da Conferência Geral, de 1904, fornece alguns dados estatísticos interessantes que se verificaram até ao dia 1 de Janeiro de 1903:

Naquela altura, a nossa obra organizada consistia em duas Conferências Gerais, que incluíam catorze Uniões, setenta e duas Associações locais e quarenta e duas missões. Estas estavam distribuídas da seguinte forma: Associações locais na América do Norte – 49; fora da América do Norte – 23. Uniões na América – 8; noutros países – 6. Missões na América, incluindo o Alasca, o Havai e a Terra Nova – 5; missões fora da América – 37, localizadas como se segue: 12 na Europa; 4 em África; 3 na Ásia; 2 na América do Sul; 2 na África do Sul e as restantes na América Central, no México, nas Índias Ocidentais e nas Ilhas do Pacífico. Encontravam-se ligados a estas missões sessenta e sete pastores ordenados e autorizados e 132 igrejas.



UNIDADE NA DIVERSIDADE

É uma fonte de encorajamento saber que estas diferentes organizações nos vários países e nacionalidades se encontram todas unidas na promoção da grande causa da verdade e da salvação do homem. Não confiamos na engrenagem formal da organização, mas em Deus, o autor da ordem. Através da Sua bênção sobre a acção unida e harmoniosa dos Seus obreiros podemos compreender quão bom e agradável é ter “todas as coisas feitas decentemente, e com ordem”.



Referências

- * Traduzido do livro *The Great Second Advent Movement, Its Rise and Progress*, de John. N. Loughborough, cap. 12.
1. Tito 1:5.
 2. *Midnight Cry*, 15 de Fevereiro de 1844.
 3. Tito 1:5-9.
 4. I Timóteo 3:1-15.
 5. I Pedro 5:1-6.
 6. Mateus 23:11.
 7. *Testemunhos para a Igreja*, vol. 1, p. 210.
 8. *Idem*, vol. 1, pp. 649, 653.
 9. *Idem*, vol. 5, pp. 236, 237.
 10. *Idem*, vol. 5, p. 536.
 11. Efésios 4:12, 13.

J. N. Loughborough

Vila Nova de Gaia

Descansou no Senhor

No dia 13 de Junho de 2010, adormeceu no Senhor a nossa querida irmã Diamantina de Jesus Guilherme. Crente de longa data, desceu ao pó da terra firme na certeza do glorioso dia da ressurreição que a trará de volta ao convívio dos seus queridos familiares e amigos. Oramos a Deus para que conceda à família o Seu amor e paz, até ao dia do glorioso reencontro.

Lúcia Helena Neves
Secretária da Igreja

Canadá

Descansou no Senhor



Descansou no Senhor, no passado dia 7 de Junho, com 82 anos, a nossa querida irmã Maria Alice Leal Chaves, filha mais velha do falecido Pastor Manuel Leal, esposa do Pastor João Chaves e sobrinha do Pastor Pedro Brito Ribeiro, de quem foi secretária, na União

Portuguesa, de 1950 a 1953.

Pessoalmente, recordo com saudade, os anos da infância, a amizade familiar que nos uniu e o prazer de termos participado juntos, e com o futuro marido, no 1º Congresso Europeu da Juventude Adventista, realizado em Paris, em 1951.

Dedicada esposa de pastor, acompanhou sempre o marido no seu ministério, primeiro em várias igrejas de Portugal (Faro, Luz de Tavira, Tavira e Portalegre), depois em Angola (Moçâmedes) e em S. Tomé e Príncipe. Neste campo de trabalho, dedicou-se a fundar e a dirigir, durante sete anos, duas novas escolas (Neves e Ilha do Príncipe).

Depois, durante algum tempo, trabalhou em Joanesburgo, África do Sul, secundando o seu marido no ministério em igrejas de língua portuguesa e inglesa.

Tendo o seu marido optado por continuar o seu ministério no Canadá (Quebec), ali exerceu, com ele, a sua acção de assistente pastoral, obreira bíblica e talentosa pianista de congregação, durante 12 anos, até à reforma, que aconteceu depois de 40 anos de empenhado ministério na Causa do Mestre.

Apesar do seu longo sofrimento dos últimos anos, a sua fé na volta do Senhor nunca vacilou, nem fez diminuir a sua maneira de ser tranquila e pacificadora.

Aguardo, com expectativa, a alegria de a voltar a ver na manhã da ressurreição.

Maranata! Ora vem Senhor Jesus.

Samuel Ribeiro

Coimbra

Baptismos

No passado mês de Maio, entre os dias 1 e 8, tivemos o privilégio de assistir a uma série de conferências apresentadas pelo Pr. Enoque Nunes, focando a vida de Jesus, desde o Seu nascimento até à cruz. As mensagens foram, sem dúvida, um reavivar das doutrinas bíblicas, mas foram, também, e acima de tudo, um convite à entrega e consagração a Jesus.

E esse apelo concretizou-se quando, na noite de 7 de Maio, oito preciosas almas entregaram a sua vida a Jesus e fizeram um pacto de amor com Ele através das águas baptismas.

Foi, pois, com profunda alegria e com a certeza da presença de Jesus, que as irmãs Maria de Lurdes Margalho, Rosa Nogueira Reis, Isita Preciosa Roque, Patrícia Moreira Branco, Rosa de Sousa Silva e Célia Morgado, juntamente com os irmãos Erick Moreira Branco e Luís Tadeu Branco, desceram às águas e selaram a sua entrega nos braços amorosos do Salvador.

O Pr. Enoque Nunes dirigiu a cerimónia.

A estes novos queridos irmãos e irmãs desejamos as mais ricas bênçãos de Deus e a presença do Espírito Santo, nas lutas de cada dia.

Carlos Santos

Dir. de Comunicação e Rel. Pub.



Fundão Baptismos

Foi com grande alegria que, no passado dia 31 de Julho, a Igreja do Fundão viu Manuela Xavier descer às águas baptismas.

Manuela Xavier teve conhecimento da Igreja Adventista através do seu filho Gonçalo Xavier, que se tornou membro da Igreja Adventista do Fundão no final do ano de 2008, e também através da nossa irmã na fé Maria Luís.

Esta nova e querida irmã foi acompanhada nos estudos bíblicos pela nossa irmã Maria Judite Bizarro e baptizada pelo nosso Pastor Albino Vieira.

A Igreja do Fundão ora ao Senhor para que dirija e abençoe sempre este novo membro da família de Deus.

Rúben Gonzalez
Secretário



No dia 26 de Dezembro de 2009 “houve alegria no Céu” e também na Igreja Adventista do Sétimo Dia da Figueira da Foz, na qual foi difícil albergar todos aqueles que queriam partilhar com a Marian e o James este momento especial.

A cerimónia baptismal foi oficializada pelos pastores Pedro Glória e Roberto Carlos Arnolds, que teve a alegria de baptizar a sua neta.

Figueira da Foz e Santana Baptismos

Nesta igreja, “filha” da igreja da Figueira da Foz, no dia 21 de Agosto, houve grande alegria por parte de irmãos e amigos, ao assistirmos ao baptismo do irmão Manuel, que decidiu entregar a sua vida a Jesus, na bonita idade de 83 anos. Ao apelo, apoiado pelo cântico da Rita e do Pablo, vários jovens e crianças responderam ao convite para o baptismo.

Pedro R. Glória
Pastor



Esta cerimónia foi especial, porque dois jovens se entregaram a Jesus, e também porque todos nós os ajudámos a crescer e fortalecer – jovens activos e cheios de vida que com a ajuda do Espírito Santo utilizam os seus dons na causa de Deus!

Oramos para que um dia todos possamos dizer: “Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor” (Isaías 8:18).

Paula Dias
Anciã



para se prepararem igualmente para o baptismo.

Passados menos de quatro meses, foi a vez da Igreja de Portalegre. Foi no Sábado, dia 17 de Julho, que seis preciosas almas desceram às águas baptismas. Foi um momento emocionante para a igreja, sobretudo para os familiares dos novos membros, uma vez que tivemos um jovem a entregar sua vida a Jesus, bem como duas mães que decidiram retornar à casa do Pai, juntamente com seus filhos. Ainda assistimos ao baptismo de um sobrinho do Pr. Rui Bastos, feito pelo próprio.

Momentos como estes são certamente para serem recordados por toda a eternidade. Que o exemplo destes queridos irmãos possa contagiar igualmente outros a assumirem este compromisso ao lado de Cristo. Que o lema destes nossos novos membros da família mundial adventista seja: “serem fiéis até a morte e assim obter a vida eterna!”

Izaque Luís de Souza

Pastor das Igrejas de Portalegre, Ribeira de Nisa, Nisa e Arneiro

Portalegre e Ribeira de Nisa Baptismos

No dia 27 de Março de 2010, a Igreja Adventista de Ribeira de Nisa esteve em festa. À semelhança do que ocorre no Céu quando um pecador se arrepende, muita foi a alegria da igreja ao testemunhar o compromisso assumido pela jovem Raquel Pereira ao lado de Jesus. Foi uma tarde festiva, na qual tivemos presentes irmãos da Igreja de Portalegre, Nisa e ainda várias visitas do grupo do Arneiro, sendo que um bom número destas visitas atendeu ao apelo

Funchal

Clube de Rebentos – Investiduras

Em Janeiro de 2010, teve início o Clube de Rebentos da Madeira. Foi com grande expectativa e ansiedade que os mais pequeninos puderam assistir à sua primeira reunião como clube. Inicialmente, não haveria reuniões todas as semanas, mas, à medida que o tempo ia passando, o interesse destas crianças era tanto, que só pensavam no fim-de-semana, para que chegasse o Sábado e irem à sua tão esperada reunião.

O Clube de Rebentos tem realizado muitas actividades, tais como a participação na campanha da ADRA; a participação na distribuição do Livro Missionário; um piquenique saudável; uma mini pista num parque; visita a uma horta e plantação de alguns produtos hortícolas; saída à praia e trabalho missionário (distribuição de folhetos “Não Temas”). Todas estas actividades foram integradas no programa cujo principal tema é “Comunicar Jesus”:

- a mim mesmo, através da Bíblia, da Natureza, do meu corpo e da minha alimentação;
- à minha família: biológica, em Cristo (irmãos da igreja) e aos meus vizinhos;
- aos que não O conhecem: dentro destes, destaca-se os que não têm o que eu tenho – roupa, alimento e família.

Foi elaborado um logótipo para identificar o Clube e é com muito orgulho que dirigentes e rebentos o exibem.

Explicação: A cruz fica por trás, como bitola do crescimento (espiritual) e apoio à mais nova testemunha (de Cristo). As “ondas” azuis, depois das mãos, darão a sensação de movimento, de dar e/ou transmitir algo. Diríamos que têm alguma semelhança com a representação da transmissão das ondas de rádio, para estarem enquadradas na temática do ano – comunicar.

Foi com grande alegria que, no dia 19 de Junho, estes pequenos rebentos puderam testemunhar “Jesus ama-me e com Ele quero dar o meu melhor”. O dia das



investiduras era há muito desejado! Foi uma bonita cerimónia, onde pudemos assistir à entrega e dedicação, não só de rebentos, mas também de alguns Tições e Sêniores, o que muito agradou à igreja do Funchal, pois revela uma igreja activa. Assistimos, também, à entrega de algumas especialidades aos jovens (Desbravadores e Companheiros) que procuram aprofundar a sua formação nos caminhos de Jesus.

Que Deus possa abençoar grandemente a igreja do Funchal e que os nossos jovens possam continuar a dedicar parte do seu tempo ao nosso melhor amigo.

Daniela Moreira
Dep. de Comunicação

Espinho

Retiro dos Ministérios da Mulher e Lar e Família



No passado dia 25 de Abril, partimos de Espinho, bem cedo, em vários automóveis, com o objectivo de passarmos o Sábado em conjunto com os irmãos da Igreja de Guimarães. Dirigimos a Escola Sabatina em conjunto com a Direcção local, a lição da semana foi apresentada em conjunto pelo irmão Pedro Fernandes e o culto foi dirigido pela nossa Pastora, irmã Maria da Luz. Foi um privilégio adorarmos o Senhor juntamente com os queridos e simpáticos irmãos da Igreja de Guimarães.

Para almoçar, dirigimo-nos à Penha de Guimarães, onde, em contacto com a Natureza, usufruímos de uma frugal e retemperadora refeição. Durante a tarde, pudemos passar ali momentos de lazer e sã alegria. A tarde já declinava quando nos pusemos a caminho, na direcção das Termas do Gerês, onde iríamos pernoitar e passar o Domingo. Aproveitámos esse dia para fazer uma agradável visita pela raia espanhola, chegando ao fim da tarde a Espinho.

Foi uma jornada entusiasmante e muito abençoada, em que partilhámos momentos muito felizes. Damos graças ao nosso bom Deus pelo privilégio de beneficiarmos desta oportunidade para aprofundar a nossa amizade, o nosso carinho e a nossa convivência como Família Cristã da Igreja de Espinho.

Pela Direcção dos Ministérios da Mulher e do Lar e Família,

Graça Libânio





PUBLICADORA
SERVIR

Catálogo de Natal

2 0 1 0

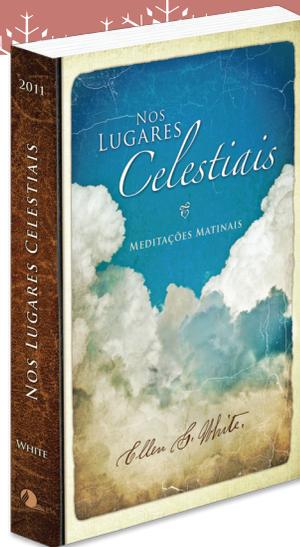


Meditações Matinais 2011

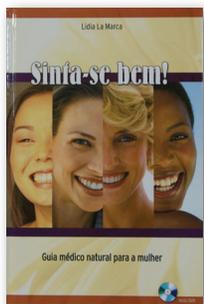
Me volupta tibus, ilitibus ped ut erectaque eum entis
 as necus voluptat imet quiat arum digniatur, quis-
 quae core cum re rem faccus vendae iossunto molla-
 bore ommodit rerionsequae dolorer erorrupt tatenis
 evendi sitaepe siti berere commolo rempore venim evel
 ipiciur? Doloreris molum aperemporem quam denis
 velenis qui doloremorum quam que estions ectotas ad
 moluptae officia nihicidis arum,



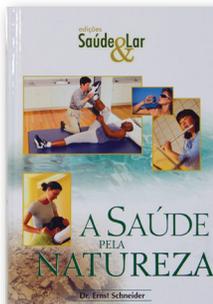
■ Preço: 8,50€



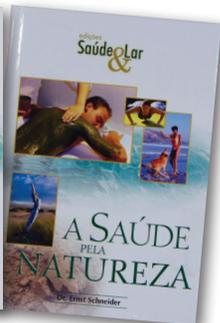
Lançamentos Publicadora SerVir



■ Preço: 23,00€



■ Preço: 75,00€



■ Preço: 6,00€



■ Preço: 28,00€



■ Preço: 38,00€



■ Preço: 6,00€

Pack Grande Conflito + G. C. Jovens + Quem São os Adventistas do Sétimo Dia

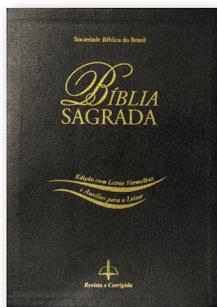


■ Brochura: 45,00€ ■ Encadernado: 61,00€



Bíblias

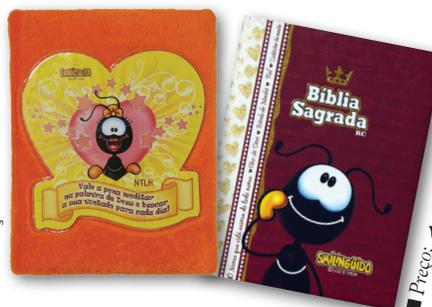
Preço: 49,00€



Preço: 23,50€



Preço: 15,50€



Preço: 15,50€

Preço: 15,50€



Preço: 18,50€

As Melhores Aventuras em Grupo Volume 1 e 2



A Bela Bíblia Contada às Crianças 6 Volumes



Preço: 160,00€ Cada: 28,00€

Assinaturas

Preço: 30,00€

Preço: 18,00€

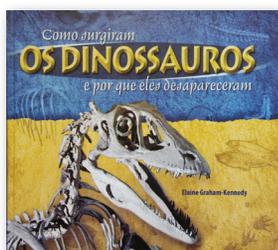
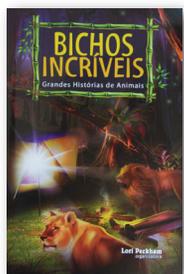
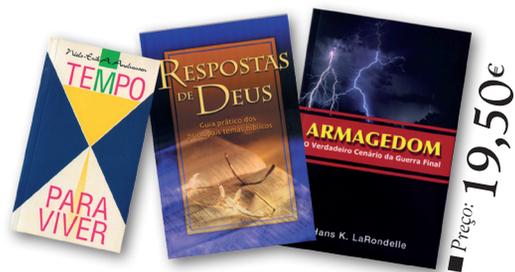


Preço: 7,00€

Preço: 29,00€

Preço: 32,00€

Packs



FAÇA A SUA ENCOMENDA À
Publicadora SerVir



Tel.: 21 962 62 00

Fax: 21 962 62 02

publicadora@pservir.pt

RUA DA SERRA, nº1 – SABUGO
2715-398 ALMARGEM DO BISPO



Livro sobre o
Culto Familiar

Peça Já!

www.familia.adventistas.org.pt Publicado pela ÁREA DEPARTAMENTAL DA FAMÍLIA

Participe na obra de Evangelização!



**Curso – Construir em Amor
Vida Familiar**



**Arqueologia e Bíblia
10 lições e 10 fichas**



**Curso – Saúde 4
Manual e fichas de avaliação**



**Para uma Vida com Sentido
conjunto de 13 folhetos**



**Folheto
Trabalho
com doentes**



**Folheto
Trabalho
nas prisões**



**Mulher
conjunto de
6 folhetos**

Peça já na livraria da sua igreja
ou directamente à Publicadora SerVir.



Publicadora SerVir / Tel.: 21 962 62 00
e-mail: publicadora@pservir.pt
www.publicadora-servir.pt



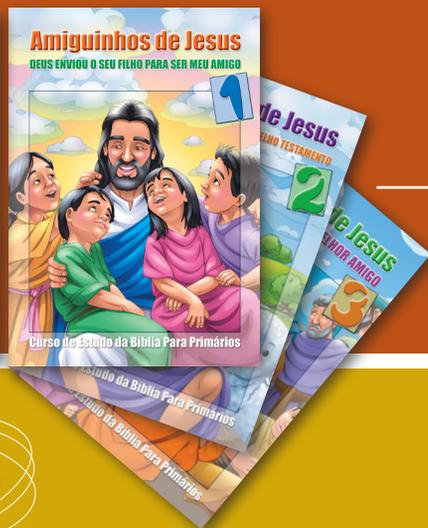
Área Departamental de Evangelismo
e-mail: evangelismo@adventistas.org.pt
www.adventistas.org.pt/evangelismo



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
RUA ACÁCIO PAIVA, 35 / 1700-004 LISBOA
TEL.: 21 351 09 10



Pede já na livraria da tua igreja ou Cursos directamente à Publicadora SerVir.



Primários

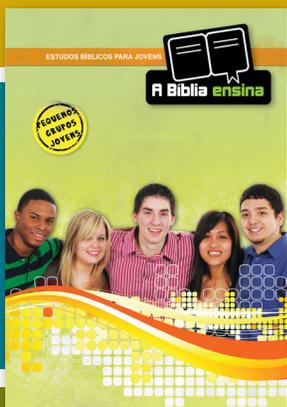
Amiguinhos de Jesus

conjunto de 3 cadernos

Juvenis

Uma Aventura Fantástica

conjunto de 10 cadernos



Jovens

A Bíblia Ensina

para pequenos grupos jovens



Publicadora SerVir / Tel.: 21 962 62 00

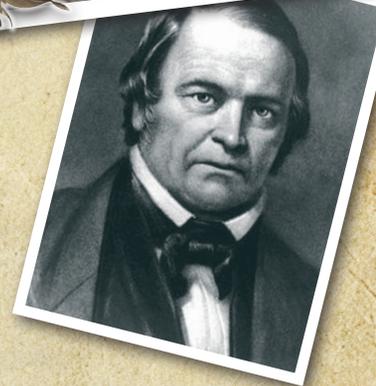
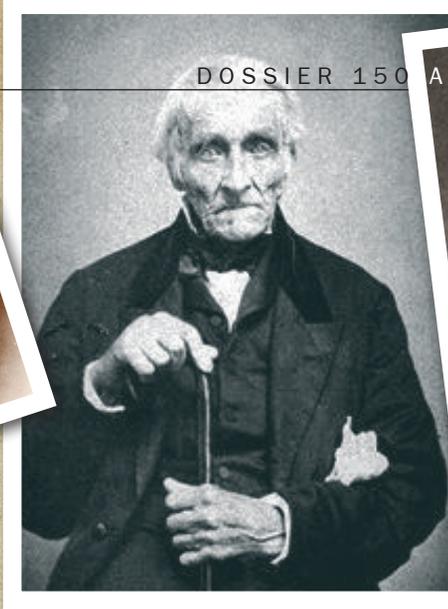
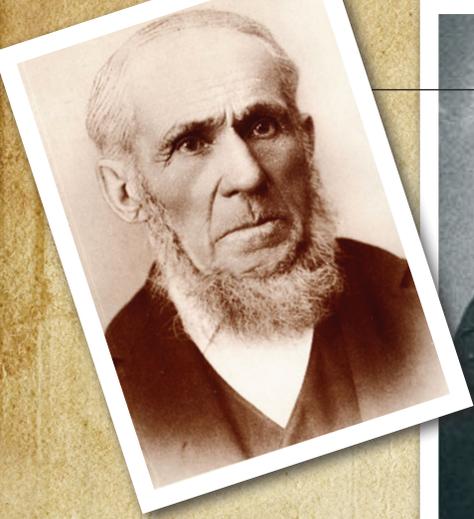
e-mail: publicadora@pservir.pt
www.publicadora-servir.pt



Área Departamental de Evangelismo
e-mail: evangelismo@adventistas.org.pt
www.adventistas.org.pt/evangelismo



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
RUA ACÁCIO PAIVA, 35 / 1700-004 LISBOA
TEL.: 21 351 09 10



Um Nome com 150 Anos – A Escolha

Godfrey T. Anderson

Os apelidos denominacionais eram, muitas vezes, rótulos depreciativos. Os Shakers [Sacudidores, em tradução livre] foram assim chamados pela sua dança, os Quakers pela alegada “tremura” de uma vida cheia do Espírito, os Metodistas pela propensão para os métodos organizacionais. O termo “Millerita” foi considerado um tanto irónico, por isso os pioneiros Adventistas Guardadores do Sábado preferiam a designação simples de “Adventistas”.

Antes do Grande Desapontamento de 1844, o nome “Adventista” era aplicado àqueles que seguiam as pregações de William Miller sobre a iminência da segunda vinda de Cristo. O editor da *Advent Herald* foi creditado, por um escritor popular sobre Adventismo, como tendo sido quem criou este termo para os crentes no segundo advento e na interpretação pura da Bíblia.

O nome também aparecia frequentemente nas edições mais antigas da *Advent Review and Sabbath Herald*, depois de ter começado a ser publicada em Novembro de 1850. O facto dos Guardadores do Sábado não terem permanecido com o corpo maioritário dos seguidores de William Miller – os assim chamados “Adventistas nominais” – poderá ter sido mais uma razão para preferirem “Adventista” a “Millerita”.

O termo “Adventista nominal” foi usado com alguma coerência pelos Adventistas Guardadores do Sábado para descrever aqueles que rejeitaram a sua interpretação da “mensagem do terceiro anjo” (Apocalipse 14:9-11), juntamente com os ensinamentos do Sábado, mas que continuaram a manter a esperança do advento. Neste período, também se referiam a eles como “Adventistas do Primeiro Dia”. Num editorial da *Review and Herald* intitulado “Nós

Somos os Adventistas”, James White afirmava que a classe de crentes com a qual se identificava retinha a doutrina do segundo advento como proclamada por William Miller quanto à hora do julgamento, e a mensagem do segundo anjo que os tinha afastado das diferentes igrejas a que tinham pertencido.

Antes de os Adventistas Guardadores do Sábado terem oficialmente escolhido o nome “Adventistas do Sétimo Dia”, as pessoas referiam-se a eles de várias maneiras, algumas das quais quase antecipando o nome que finalmente escolheram. Havia referências a eles como “o remanescente”, “crentes”, e “o rebanho disperso”. Foram chamados “o povo do Sétimo Dia”, “Crentes Adventistas Guardadores do Sábado”, “Adventistas Guardadores do Sábado”, “Irmãos do Sétimo Dia”, “Guardadores do Sábado do Advento” [... e outros, ainda mais estranhos].

Por essa altura, o sentimento contra escolher um nome, ou, como a isso se referia R. F. Cottrell, “fazer um nome para nós”, era profundo e muito difundido tanto entre os Adventistas “nominais” como entre os Adventistas Guardadores do Sábado. Estava de acordo com o forte sentimento de que qualquer tipo de organização era Babilónia, um regresso ao estado caído das igrejas das quais tinham vindo. Um Adventista “nominal” a escrever no *Advent Harbinger and Bible Advocate* [Precursor do Advento e Defensor da Bíblia] sob o título “Cristão versus Adventista” argumentava que o termo “cristão” era adequado para incluir todos os que criam em Cristo e na Sua iminente volta à Terra. “Um cristão é um seguidor de Cristo”, escreveu ele. “É outra coisa qualquer? Então escolha outro nome: um que seja adequado à sua profissão de fé...” Ele fazia notar que se alguém fosse um pouco mais ou um pouco menos do que um cristão, poderia necessitar de outro nome. Mas, se não fosse o caso, então porque é que, perguntava ele, era necessário outro nome? “Mas argumentam que 'Precisamos de um nome que nos distinga'. Que nos distinga! Mas de quem? Do mundo? 'Cristão' é suficientemente diferenciador de todas as classes do mundo. . . . É aqui que está o problema. Este resultado – cisma no corpo – sempre seguiu, segue e seguirá a adopção de nomes não autorizados pela Bíblia.” O escritor afirmou, então, a sua objecção ao nome “Adventista”:

“Eu oponho-me ao nome Adventista porque: 1º) Não é escriturístico. . . . 2º) Oponho-me por causa da sua tendência para levantar e perpetuar um partido dentro do corpo de Cristo. . . . 3º) Oponho-me ao seu uso entre nós por prioridade de uso. . . . Há anos, o Pastor Himes e os seus associados, adpta-

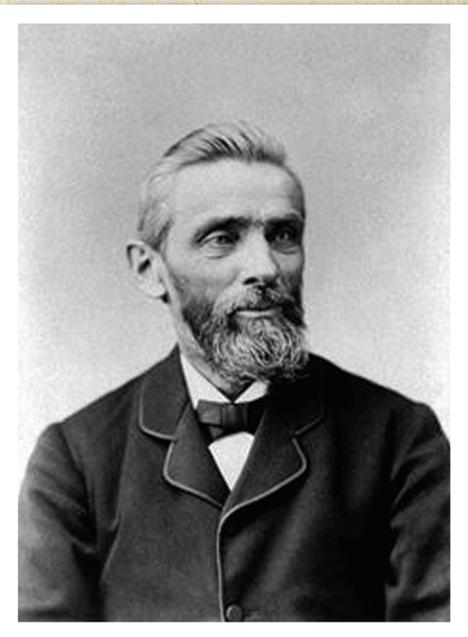
ram o nome como designação [sic] daqueles que se empenharam com William Miller na proclamação da segunda vinda do Senhor, e noutras doutrinas defendidas por ele; daí cresceu uma “igreja Adventista”, comprometidos com as “doutrinas originais do Advento conforme foram ensinadas pelo Ir. Miller”, ou como foram apresentadas na conferência de Albany. . . . Se têm de ter o nome Adventistas, pelo menos usem um adjectivo para vos distinguir daqueles que já usam o nome. Poderá ser “a segunda segunda Igreja Adventista”, ou “Os Adventistas de N.Y.” ou “Os Adventistas de Hartford” – qualquer coisa que vos distinga.”

Por razões similares e não só, os Adventistas Guardadores do Sábado opunham-se com vigor à escolha de qualquer nome. Até ao fim, houve aqueles que se opunham à escolha de um nome. O sentimento sobre o assunto e sobre a questão mais extensa de uma igreja com regras e organização era tão forte, que eles se separaram do corpo quando estes passos foram tomados em Battle Creek, de 1860 a 1863.

Havia precedentes, datados do princípio dos anos 1850, que sugeriam um nome como “Adventistas do Sétimo Dia”. Um historiador escreveu que, quando o nome Adventistas do Sétimo Dia foi proposto, em 1860, este nome “lhes tinha sido realmente aplicado tanto como outro qualquer”. Com termos como Baptistas do Sétimo Dia e Adventistas do Primeiro Dia em uso comum, parece verossímil que a designação Adventistas do Sétimo Dia possa ter-se sugerido a si própria a alguns.

Em 1853, os Baptistas do Sétimo Dia entraram em contacto com o editor da *Review and Herald*, e estiveram muito perto de usarem

precisamente o termo que foi finalmente adoptado como nome sete anos mais tarde. A comunicação foi a seguinte: “Na reunião da Associação Central dos Baptistas do Sétimo Dia, em Scott, o mês passado, foi resolvido que instruísemos o nosso Secretariado de Correspondência para se pôr em contacto com o povo do Advento do Sétimo Dia para conhecermos a sua fé.” Esse termo idêntico foi também usado num folheto para anunciar algumas reuniões dos Adventistas Guardadores do Sábado em Hillsdale, Michigan,



John Loughborough

em 1856. J. N. Loughborough, que, referindo-se a isso em data posterior, disse: “Suponho que este nome [povo do Advento do Sétimo Dia] tenha sido usado no folheto porque todos saberiam imediatamente a quem se referia.”

Uma carta de um crente em Vermont, dirigida ao editor da *Review and Herald*, indica que, catorze meses antes do nome ter sido adoptado em Battle Creek, no Outono de 1860, o mesmo nome já era usado por alguns. O autor da carta afirmou: “Não encontrei qualquer dificuldade em me decidir a favor dos Adventistas do Sétimo Dia.”

A confusão sobre o primeiro uso do nome Adventistas do Sétimo Dia como sendo aplicado a estes crentes pioneiros pode ter surgido, em parte, pelo facto de quase todos os que escreveram sobre este período, incluindo aqueles que foram participantes e que mais tarde falaram sobre estes primeiros tempos, usaram o termo Adventistas do Sétimo Dia como se fosse um facto consumado antes da adopção oficial do nome. Este uso não determina que o nome tenha sido largamente usado antes de 1860, mas contribui para a sensação de que o nome já era usado antes da sua adopção oficial pelo grupo. J. N. Loughborough, por exemplo, recordando os seus primeiros contactos com os Adventistas Guardadores do Sábado, em 1852, escreveu mais tarde: “Eu tinha ficado preconceituoso sobre os Adventistas do Sétimo Dia. . . .” Noutro local, referindo-se ao trabalho de publicações em 1852, ele afirmou que a *Review and Herald* “era impressa na tipografia e com os tipos pertencentes aos Adventistas do Sétimo Dia”.

A *Enciclopédia Adventista* explica, desta maneira, o seu uso do termo: “Por conveniência, este livro emprega o termo 'Adventistas do Sétimo Dia' . . . para indivíduos ou grupos que, mesmo antes de 1860, desenvolviam e tinham em comum as doutrinas que haveriam de caracterizar o corpo agora chamado por esse nome.”

À medida que o grupo de membros crescia e que a causa Sabatista Adventista amadurecia, foi cada vez mais sentida a necessidade, não apenas de algum plano geral de organização, mas de um nome para o grupo que se desenvolvia. No início de 1860, os vinte e seis membros da igreja de Parkville deram os passos legais no sentido de organizarem uma “Associação Religiosa” de forma a que pudessem, de forma legal,

comprar propriedades. Este grupo, nos Estatutos da Associação que assinaram, afirmavam: “Nós, abaixo assinados, aqui nos associamos como igreja com o nome de Igreja de Parkville do Segundo Advento de Cristo; tomamos a Bíblia como regra de fé e disciplina.”

A igreja de Fairfield, Iowa, organizou-se a meio do Verão de 1860, “adoptando artigos de fé da Bíblia como única regra e prática” e “apelidando-se 'A Igreja do Deus Vivo'.”

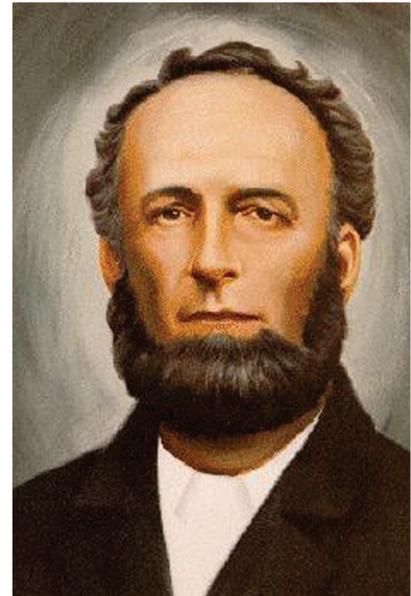
Líderes importantes da obra, tais como M. E. Cornell, estavam a desenvolver fortes convicções de que a escolha de um nome era imprescindível. “Não consigo encontrar qualquer texto das Escrituras”, escreveu ele, em Maio de 1860, “que proíba todo o remanescente de ser chamado por um nome. . . . As outras igrejas são Babilónia e estão num estado caído, não por terem escolhido vários nomes, mas porque rejeitaram a mensagem que Deus lhes enviou.” Ele concluía que “creio, agora, que é adequado e necessário haver um nome apropriado para o povo laodiceano do advento, guardador dos mandamentos”.

A pessoa que havia de se tornar no primeiro presidente da Conferência Geral, John Byington, depois de ter, a princípio, apoiado o nome “Igreja de Deus”, defendeu o nome “Adventistas do Sétimo Dia”. Ele escreveu:

“Quanto a um nome, pensei, por vezes, que o simples nome escriturístico “Igreja de Deus” era tudo o que era necessário. Mas, reflectindo um pouco mais sobre o assunto, vejo que Deus deu ao Seu povo e a indivíduos, nomes adaptados ao tempo e às circunstâncias sob os quais foram colocados. . . . Eu diria aos meus irmãos espalhados por todos os locais, que não consigo encontrar

uma objecção razoável ou escriturística ao nome Adventistas do Sétimo Dia, uma vez que ele define a posição que a Igreja de Deus deve ocupar no fim.”

A conferência histórica que levou à adopção de um nome para a Igreja, foi marcada para o fim de Setembro de 1860. Antes disso, o



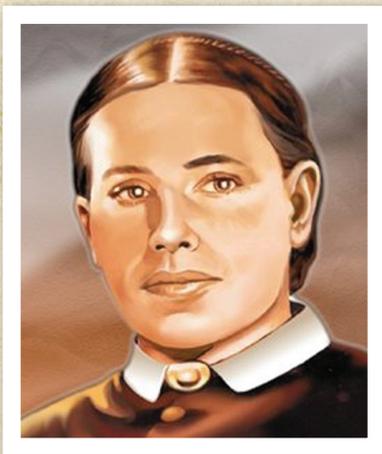
James White

assunto foi discutido e debatido durante algum tempo. Em Junho, James White revelou a sua escolha de um nome. “Sugerimos, agora, que adoptemos, unanimemente, o nome Igreja de Deus, como nome escriturístico e apropriado pelo qual devamos ser conhecidos.” O termo *Igreja de Deus* tinha sido usado durante vários anos nas páginas da *Review*, presumivelmente num sentido geral, embora, por vezes, aparecesse iniciado com letras maiúsculas como nome próprio. Escrevendo sobre “A Ordem na Igreja”, em 1854, J. B. Frisbie disse que o nome “Igreja de Deus” é “o único nome que Deus acha apropriado para dar à Sua Igreja. . . .”

No ano seguinte, foi enviada aos crentes uma declaração, assinada por uma comissão de três pessoas que tinha sido nomeada para dirigir

o funcionamento da *Review and Herald*, intitulada “À Igreja de Deus”. Parece que não apenas James White, mas também os dos escritórios da *Review and Herald*, e um certo número de outros, eram a favor do nome “Igreja de Deus” até ao próprio momento da conferência de 1860.

Ellen White



Relatando uma visão publicada pela primeira vez no ano a seguir à adopção do nome, Ellen White escreveu relativamente ao nome “Igreja de Deus”:

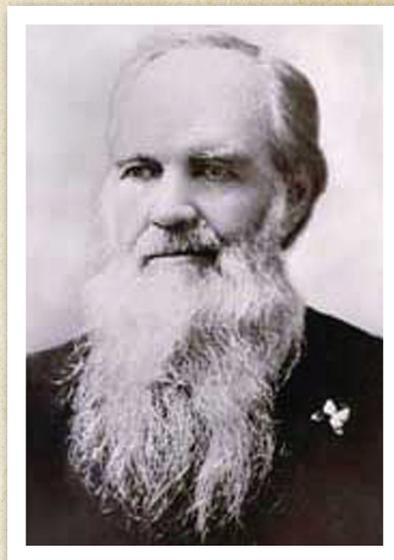
“Foi-me mostrado que quase todo o fanático que se levantou, que deseja esconder os seus sentimentos de forma a poder liderar outros, afirma pertencer à Igreja de Deus. Esse nome levantaria imediatamente suspeitas: pois é empregue para esconder os erros mais absurdos. Esse nome é demasiado indefinido para o povo remanescente de Deus. Levaria a supor que tínhamos uma fé que desejávamos encobrir.”

Os que se opunham à designação “Igreja de Deus” achavam que não tinha significado, que era presunçosa, e demasiado vaga. Além disso, havia, ao mesmo tempo, vários outros grupos que estavam a usar esse nome. Não obstante, alguns indivíduos, como T. J. Butler, de Ohio, agarraram-se ao nome “Igreja de Deus” mesmo depois de ele ter sido rejeitado. Butler e vários outros acabaram por se separar do

grupo de crentes, devido ao nome escolhido e por outras razões. Havia algum apoio ao nome “Sabatistas do Advento” como “um nome bonito, importante, apropriado, natural e vistoso”.

A “conferência geral” que escolheu o nome foi levada a efeito em Battle Creek, no fim de Setembro e princípio de Outubro de 1860. Joseph Bates, que serviu como presidente em quase todas as assembleias durante este período de organização da Igreja, presidiu. As suas opiniões sobre organização favoreciam uma conferência desse tipo, e isso, bem como o facto de ele ser o membro sénior do grupo e reconhecidamente competente para a função de presidir a essas reuniões, levaram, sem dúvida, a que fosse escolhido para essa posição. Uriah Smith serviu como secretário dessa reunião e das conferências sobre organização que se seguiram.

Algumas indicações da importância dessa conferência, em especial, pode ser vista no relatório muito completo que foi feito das reuniões, publicado em três edições da *Review* durante o mês de Outubro. As discussões reflectem o preocupante facto de que ainda existiam vestígios, na mente de muitos delegados, do conceito de que a organização era Babilónia. Entre os cinco estados representados, a oposição mais inflexível parecia ser a dos delegados de Nova Iorque e Ohio. Alguns, como J. N. Loughborough e Ezra Brackett, um membro leigo de Battle Creek, apoiavam vivamente o movimento a favor da escolha de um nome. Outros foram com a mente aberta para estudarem o assunto. Na discussão sobre terem uma organização, de forma a que a *Review and Herald* pudesse ser registada como sociedade comercial sob as leis do Michigan, T. J. Butler, um firme opositor a toda a organização, invocou a “lei mais elevada” acima



J. H. Waggoner

da lei do país. Isso provavelmente reflecte o debate que decorria entre os líderes anti-esclavagistas do Norte relativamente à “instituição peculiar” contra a qual eles invocavam, igualmente, uma lei mais elevada.

Uma comissão de três pessoas (aumentada, mais tarde) tinha sido nomeada para fazer um plano organizacional e para recomendar um nome, mas foi incapaz de estar de acordo quanto ao nome. Conforme J. H. Waggoner explicou à conferência:

“O primeiro assunto que achámos que devíamos trazer para a Conferência era a adopção de um nome, um nome que pudéssemos recomendar às igrejas locais. . . . Mas fomos incapazes de estar de acordo quanto ao nome. Foram levantadas, na comissão, objecções a qualquer nome sugerido. Teremos, portanto, de deixar esse assunto para a Conferência.”

Na quarta sessão da conferência, na manhã de 1 de Outubro, Ezra Brackett propôs que fosse escolhido um nome. Outro delegado falou da objecção de que a escolha de um nome tornaria o grupo apenas outra denominação, mas a resposta de James White foi: “. . . objecta-se que seremos classificados entre as denominações. Já somos classifica-

dos com elas e não sei de que modo o podemos evitar, a não ser que nos separemos e dispersemos, e desistamos de tudo.”

James White disse, ainda, na sessão da tarde, que em tempos ele tinha receado adoptar um nome para a Igreja. Anteriormente, disse ele, o número de membros era comparativamente pequeno e não havia necessidade de se tomar essa resolução. Mas, agora, “grande número de irmãos inteligentes estão a ser despertados, e sem um regulamento desta natureza, ficarão confundidos”. Continuou recordando algumas das experiências da década anterior, dizendo que houve certas pessoas que se tinham oposto a publicar um jornal e panfletos, e a ter um escritório para a *Review and Herald*. Eram contra a ordem na Igreja e contra terem uma máquina impressora. Contudo, todas essas coisas eram necessárias para o progresso da causa, e a objecção à escolha de um nome, achava ele, era do mesmo tipo. Um delegado, que estava a favor da escolha de um nome, sugeriu, ainda, que continuar sem um nome seria como publicar livros sem título, ou enviar um jornal sem cabeçalho.

Quando a pergunta “Devemos adoptar um nome?” foi colocada perante os membros, a moção foi aprovada sem votos contra, embora alguns se abstivessem de votar. A seguir, a discussão voltou-se para qual o nome que deveria ser escolhido. Os apoiantes do nome “Igreja de Deus” defenderam-no zelosamente. Na sessão da manhã, T. J. Butler, de Ohio, que era a favor do nome “Igreja de Deus”, tinha dito: “Se Deus nos nomeou como pais, temos o direito de dar nomes aos nossos filhos. Não denotaria falta de modéstia tentar fugir e não ter nome ou tomar outro qualquer?” As objecções ao nome “Igreja de Deus” foram mencionadas. Seguidamente, a discussão virou-se para o desejo

de ter um nome que não parecesse presunçoso ou censurável perante o mundo em geral.

Houve quem sentisse que o nome deveria reflectir as crenças do grupo. Foi sugerido “Adventistas do Sétimo Dia” como sendo um nome simples e descritivo das crenças e da posição do grupo. Por fim, David Hewitt, a primeira pessoa a ser convertida por Joseph Bates em Battle Creek, uma década antes, apresentou a proposta: “*Decidido*, que tomemos o nome Adventistas do Sétimo Dia.” Depois de alguma discussão e por alguma razão desconhecida, esta moção foi retirada. No seu lugar, foi apresentada outra moção que afirmava: “*Decidido*, que chamemos a nós próprios Adventistas do Sétimo Dia.” Depois de uma nova longa discussão, esta resolução foi adoptada, com a objecção de T. J. Butler, e com a abstenção de quatro outros, incluindo J. N. Andrews. Depois de mais explicações, Andrews acabou por concordar com este nome. Foi tomada resolução final sobre a moção, recomendando este nome “às igrejas em geral”, e a moção foi aprovada apenas com a objecção de T. J. Butler.

Não obstante o facto de James White ter, anteriormente, estado a favor do nome “Igreja de Deus”, ele apoiou a decisão da maioria, e a Sra. White deu o seu aval:

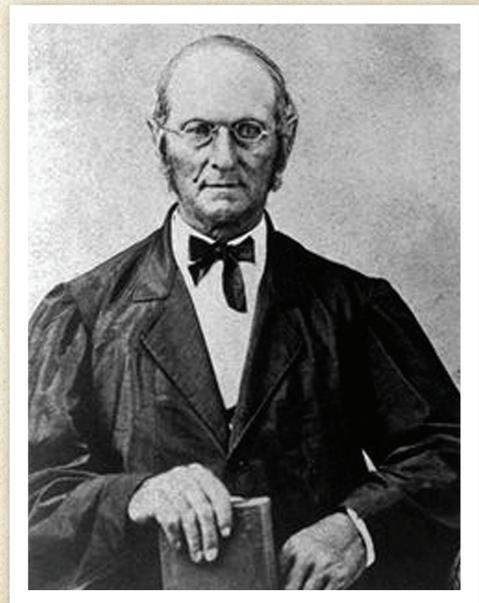
“Nenhum nome que possamos adoptar é apropriado, a não ser que esteja de acordo com a nossa profissão e que expresse a nossa fé e nos distinga como um povo peculiar. O nome Adventistas do Sétimo Dia é uma permanente censura ao mundo protestante. Aqui está a linha de separação entre aqueles que adoram Deus e os que adoram a besta e recebem a sua marca...”

“O nome 'Adventistas do Sétimo Dia' salienta as verdadeiras características da nossa fé e irá persuadir a mente inquiridora. Como uma seta da aljava do Senhor, ferirá os transgressores da lei de Deus, e levará ao arrependimento para com Deus e à fé no nosso Senhor Jesus Cristo.”

Assim, depois de prolongadas discussões e debates durante a conferência e antes dela, foi escolhido um nome para a Igreja, um que continuou sem sérios desafios até ao momento presente.

Roswell F. Cottrell, que tinha liderado uma oposição razoável a toda a ideia de organização, aceitou e apoiou o voto da conferência de Outubro sobre a escolha de um nome. Respondendo à crítica pela sua aberta oposição à organização e a um nome, ele escreveu: “Se alguém foi incitado a um espírito de desobediência por aquilo que eu escrevi, peço desculpa. Não era essa a minha intenção.”

Maioritariamente, parece ter havido um apoio geral aos passos dados, incluindo à escolha do nome. Cada vez mais, o novo nome aparecia nas colunas da *Review and Herald* relacionado com avisos sobre reuniões e acções tomadas por várias igrejas. A *Review* recebeu cartas



Joseph Bates

expressando satisfação com a escolha feita. Um membro escreveu: “Gosto muito do nome Adventistas do Sétimo Dia. Ele expressa eloquentemente a posição deste povo no que respeita ao Sábado e à breve volta do nosso santo Senhor.”

Um ministro altamente colocado, ao registar a sua aprovação do nome da Igreja, avisou os membros para que o usassem correctamente.

“Quero aqui chamar a atenção para o uso inapropriado dos termos que parece ter-se tornado quase universal por parte daqueles que, no mundo, falam de nós, e que é encorajado, em grande medida, pela prática do nosso próprio povo. É o seguinte: muitos dos nossos irmãos e irmãs habituaram-se a referir-se a si próprios como 'Advento' do Sétimo Dia, e desse facto o hábito generalizou-se entre aqueles que não nos pertencem.”

A palavra “advento” significa o acontecimento em si mesmo, enquanto que 'adventista' se refere àqueles que acreditam nesse evento.

Havia bolsas de resistência ao novo nome que persistiram durante algum tempo. Referindo-se a algumas delas, James White escreveu, na Primavera de 1861:

“Porque o corpo de crentes na terceira mensagem não assume egoisticamente o nome Igreja de Deus, como se Deus não tivesse outros nomes no Seu grande livro da Igreja no Céu a não ser o seu, não é razão para que algumas pessoas em Gilboa (Ohio), ou em qualquer outro lugar, devam incitar um movimento separatista para tornarem o nome 'Igreja de Deus' um teste.”

Quase vinte anos mais tarde, um escritor afirmou, na *Review*:

“Onde quer que se vá, encontramos algumas pessoas que atacam, petulantemente, o nome denomina-

cional. Perguntam-nos porque é que não adoptamos o nome Igreja Cristã, Igreja de Deus, ou qualquer nome bíblico, e dizem que se juntariam a nós se tivéssemos o nome certo.”

As expressões, quase eufóricas, de líderes sobre a união e harmonia da reunião de 1860, sugeriam que o nome, uma vez adoptado, não era um assunto importante entre os membros em geral. J. N. Loughborough, que tinha apoiado, consistentemente, tanto a organização num todo como a escolha de um nome, resumiu o que era, provavelmente, a atitude geral dos crentes depois de serem dados os vários passos decisivos. “Penso que o nome 'Adventistas do Sétimo Dia' é o mais natural e



Casa em Battle Creek, onde foi organizada a Conferência Geral e onde foi adoptado o nome.

apropriado que poderíamos ter.”

Quando a Conferência Geral foi organizada e os estatutos lavrados, em 1863, o primeiro artigo afirmava: “Esta Conferência será chamada Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.”

O aval final para o nome da Igreja veio, nessa altura e em anos posteriores, de Ellen White. “Somos Adventistas do Sétimo Dia. Temos vergonha do nosso nome? Respondemos: Não, não! Não temos. É o nome que o Senhor nos deu. Salienta a verdade que deverá ser o teste das igrejas.” E, numa carta escrita no ano seguinte, ela voltou a tocar no assunto:

“Afirmamos ser Adventistas do Sétimo Dia e, no entanto, não nos compeñetramos de quão exaltado é o padrão a que temos de chegar para merecer esse nome. Alguns sentiram vergonha de serem conhecidos como Adventistas do Sétimo Dia. Os que se envergonham deste nome nunca deveriam ligar-se àqueles que sentem que é uma honra terem esse nome. E aqueles que são testemunhas de Cristo, permanecendo no lugar onde as verdades bíblicas os colocaram, são merecedores do nome que têm.”

A escolha de um nome para a Igreja, feita em 1860, foi crucial por uma série de razões. Os que fizeram a escolha não tinham como saber, naquela altura, que chegaria o tempo em que seria a designação oficial de um grupo mundial de mais de dois milhões de membros.** Hoje, os viajantes mundiais que visitam as aldeias mais a Norte do globo, encontram uma Syvende-dags Adventkirken em Hammerfest, acima do Círculo Ártico, e os que aportam em Punta Arenas, no Estreito de Magalhães, na ponta mais a Sul da América do Sul, encontram uma Iglesia de

los Adventistas del Septimo Dia. E, entre elas, a Oriente e a Ocidente, a Norte e a Sul, em 557 línguas, o nome é a marca identificadora dos descendentes na fé daqueles que escolheram o nome Adventistas do Sétimo Dia, em Battle Creek, a 1 de Outubro de 1860.

* Retirado da *Adventist Heritage*, vol. 1, nº 2, de Julho de 1974, p. 28-34.

** Os dados aqui apresentados são relativos a 1974. Actualmente, somos mais de dezassete milhões, com cerca de dezassete mil ministros ordenados, usando 891 línguas e dialectos em 204 países.

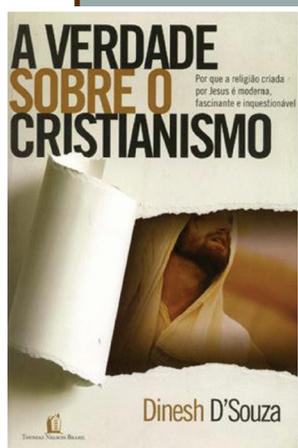
Godfrey T. Anderson

Arquivista e professor de pesquisa da Universidade de Loma Linda, EUA.

A VERDADE SOBRE O Cristianismo VII

Os verdadeiros culpados dos crimes da História

MIGUEL MATEUS



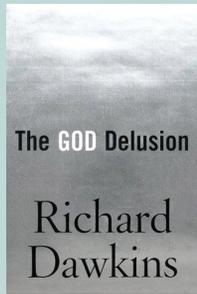
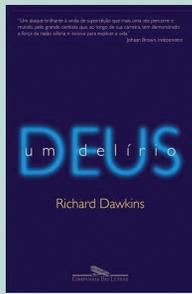
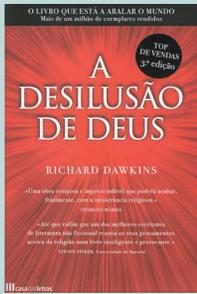
Nesta série de artigos, pretendemos demonstrar porque acreditamos que “a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável”.¹

Desenvolveremos sete temas – um em cada artigo.

Introdução – Os Novos Ataques dos Antigos Ateus

- 1** – O Cristianismo é o principal fundamento da civilização ocidental.
- 2** – As descobertas mais recentes da Ciência sustentam a existência de um Ser Divino que criou o Universo.
- 3** – A Teoria da Evolução de Darwin não destrói as evidências de “design” do Universo, pelo contrário, reforça essas evidências.
- 4** – Não existe nada na Ciência que torne os milagres impossíveis.
- 5** – É aceitável ter fé.
- 6** – O ateísmo, e não a religião, é responsável pelos genocídios da História.
- 7** – O ateísmo não é motivado nem baseado na razão.

Este mês abordamos o sexto tema.



Os ataques recentes ao Cristianismo estão a ter grande impacto na sociedade.

As ideias não são novas, mas a violência e radicalidade das propostas e o eco que estão a ter na sociedade são um elemento novo e necessitam de uma resposta.

Estes são os autores mais salientes:

Richard Dawkins

Cristopher Hitchens

Sam Harris

Poderíamos ainda citar vários outros, como Steven Pinker, E. O. Wilson, Daniel Dennett, Carl Sagan, ou até mesmo mais antigos, como Bertrand Russel, que, não sendo tão agressivos, fornecem bases intelectuais para o ataque.

Neste sexto artigo da Série “*A Verdade Sobre o Cristianismo*”,² vamos lidar com o tema dos genocídios e crimes cometidos no passado e também no presente.

Continuaremos a utilizar como guia o livro *A Verdade Sobre o Cristianismo*, da autoria de Dinesh D’Souza, e que representa uma defesa moderna do Cristianismo.

O ataque à religião

Nos ataques recentes ao Cristianismo e à religião – aos quais pretendemos responder nesta série de artigos – um dos temas mais surpreendentes não é a defesa do ateísmo ou da não religião, mas sim o ataque violento à própria religião.

Vários autores têm procurado, com bastante sucesso, criar a ideia de que a religião tem sido o “veneno da História”.³

A acusação é a seguinte: “As cruzadas mataram milhões de pessoas em nome de Jesus. A inquisição levou à tortura e ao assassinio de outros milhões.”⁴ No mundo moderno, “a maioria, senão todas as inimizades violentas” devem-se “à força divisora da religião”.⁵ E claro, os exem-



plos do fundamentalismo islâmico e cristão são as provas para estas afirmações.

Por outro lado, estes mesmos autores fecham os olhos, minimizam ou racionalizam os crimes cometidos por fanáticos, seculares e ateus.

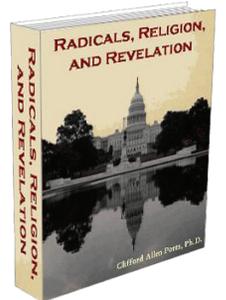
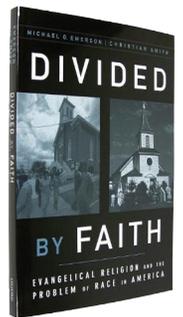
O objectivo deste artigo não é desculpar crimes cometidos em nome da religião – estes são inegáveis e lamentáveis. Apenas pretende repor a verdade dos factos em relação à dimensão dos crimes realmente imputáveis à religião e a sua verdadeira extensão, quando comparados com os crimes cometidos ao abrigo de filosofias supostamente não religiosas.

A Matemática do Horror

Historiadores que têm estudado o tema dos crimes cometidos em nome da religião, com base em documentos históricos, têm vindo a contabilizar números de vítimas bastante inferiores aos milhões normalmente apontados.⁶

Mas esse facto não elimina o crime e o terror do que aconteceu, apenas nos permite colocar em perspectiva e comparar a dimensão dos crimes cometidos, verificando que mesmo uma instituição cruel como a Inquisição, ficou aquém do aspecto massivo dos crimes cometidos em nome de ideologias supostamente não religiosas.

Além disso, os crimes da religião dizem respeito essencialmente a um período que terminou há quase cinco





séculos, quando a população era muito inferior à população na época dos crimes mais recentes do ateísmo – perpetrados durante o século passado.

Logo, qualquer número relativo aos crimes da religião deve ser ajustado por um factor de cerca de cinco vezes para poder ser comparado com o número de vítimas dos crimes do século XX.

Quando colocado em perspectiva, verifica-se que a quantidade de vítimas da religião corresponde a uma muito pequena fracção da quantidade de mortes da responsabilidade de Mao Tse Tung, Estaline e Hitler, que ocorreram em apenas algumas décadas.

Os crimes da religião

Como podem suspeitar, a realidade é bem diferente da ideia de que a religião é a raiz de todos os problemas do mundo moderno. Sugiro analisarmos alguns exemplos concretos para apoiar a nossa posição.

Cruzadas

A ideia comum é que as cruzadas foram uma carnificina injustificada e de larga escala, perpetrada por cristãos com motivação religiosa sobre povos muçulmanos, constituindo verdadeiros “crimes contra a humanidade”.

Através dos documentos que nos chegaram e com a distância do tempo, há quem defenda que a realidade pode ter sido um pouco diferente desta.

Na época das cruzadas, os muçulmanos tinham conseguido um grande número de vitórias bélicas e anexado muitos territórios da Europa, incluindo parte de Portugal. Conquistaram os lugares históricos do cristianismo – tomaram a cidade de Jerusalém. E preparavam um assalto final que colocaria toda a Europa sob o domínio muçulmano.

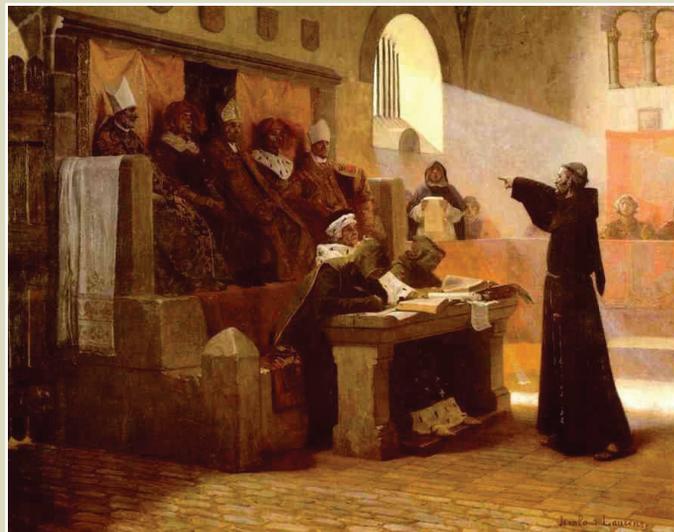
Se não fosse pelas cruzadas, “talvez o Corão agora fosse ensinado nas escolas de Oxford, [...] demonstrando a um povo circuncidado a santidade e a verdade da Revelação de Maomé”.⁷

Após duzentos anos de avanço muçulmano, finalmente os cristãos decidiram fazer frente a esse avanço e reconquistar os lugares sagrados.

A primeira cruzada teve grande sucesso, mas as seguintes foram fracassos desastrosos. A maior parte dos partici-

pantes não eram guerreiros ferozes, mas simples camponeses obedecendo às ordens que recebiam.

Hoje, existem historiadores que defendem que as cruzadas não foram um tipo de crime histórico perpetrado “*gratuitamente*” pelos cristãos. Formaram parte de uma guerra que procurou contrariar o avanço dos muçulmanos, que, por pouco, não conquistaram toda a Europa.



Inquisição

Existe a ideia de que milhões de pessoas foram torturadas e mortas devido à inquisição e de que os julgamentos eram totalmente parciais e mais motivados pelo resultado final desejado do que pelos factos.

No entanto, existem actualmente historiadores que após consideração cuidada dos factos e documentos históricos propõem uma versão com aspectos diferentes:⁸

- Apesar de a Inquisição ter afectado a vida de milhões de pessoas que viviam nos territórios sob o seu domínio, a verdade é que o número de pessoas comprovado documentalmente que foram executadas por heresia pela Inquisição estima-se hoje ser de “apenas” algumas dezenas de milhar.⁹
- Há indícios de que os julgamentos da Inquisição “eram mais justos e indulgentes do que muitos julgamentos seculares”.¹⁰

Guerra dos 30 anos

Outro exemplo citado como evidência do poder maléfico da religião é a Guerra dos Trinta Anos. Pensa-se hoje que a verdadeira motivação desta guerra foi política e não religiosa. Aconteceu num contexto em que estados-nação europeus estavam a surgir e necessitavam de afirmar o seu poder.

A Guerra dos Trinta Anos é na verdade uma boa analogia para compreender muitos dos conflitos supostamente religiosos da actualidade.



Um cidadão está a caminhar por uma rua de Belfast quando um atirador [...] lhe aponta a arma e pergunta: “protestante ou católico?” O homem exclama: “Nenhum dos dois, sou ateu”. Ao que o atirador responde: “Ateu católico ou ateu protestante?”¹¹

O que a história realmente quer dizer é que não é a religião que importa em primeiro lugar neste conflito, eles não estão a lutar por questões doutrinárias. Estão a lutar por questões de autonomia política e decidindo quais as forças políticas que controlarão o País.

O conflito Israelo-Árabe não é, primordialmente, devido à religião, mas sim ao controlo da terra.

Mas, podem afirmar: “Os judeus estão a lutar pela terra porque a consideram uma terra santa”. Não é verdade, “eles estão a lutar porque era a terra dos seus antepassados e, após o holocausto, muitos judeus se convenceram de que só se podem sentir seguros numa terra que seja sua”.¹²

Nos Balcãs, podemos concluir que a rivalidade étnica e não a religião estiveram na origem da guerra.

Finalmente, e com grande risco de ser mal interpretado ou até desmentido por acontecimentos futuros, quero sugerir a tese de que a maior parte da violência no Iraque, vários anos após o fim da era Saddam Hussein, diz respeito ao confronto entre a maioria Xiita que se encontra hoje no poder e a minoria Sunita.

Ao contrário do mau nome que tem adquirido, o Cristianismo é uma religião de paz. Talvez essa não seja a mensagem dada por todos os Cristãos em todos os tempos, mas é o espírito do verdadeiro Cristão.

Os crimes cometidos em nome do Cristianismo, independentemente do seu tamanho, devem ser reconhecidos e são prova de que a instituição que pretende representar todo o Cristianismo foi instrumento do mal em muitas ocasiões.

Os Crimes da Irreligião

Por outro lado, quando comparamos os crimes da religião com as verdadeiras atrocidades em massa praticadas em nome dos “-ismos” da História, o contraste é chocante.

Vamos apresentar resumidamente o registo histórico dos maiores ofensores: **Mao Tse Tung, Estaline, Hitler e Pol Pot**.

Uma comparação factual das responsabilidades de cada ideologia ilustra bem a nossa conclusão. No *ranking* dos crimes da História, os quatro líderes que mencionámos, destacam-se de forma lamentável.

PERSONAGEM	EVENTO	Nº DE MORTOS
Mao Tse Tsung	Regime mais sanguinário da História, de inspiração atea.	Estimativas chegam a 70 milhões de pessoas. ¹³
Estaline	Genocídio, campos de trabalhos forçados, fuzilamentos, deslocamento de populações, fome.	20 milhões de vítimas.

Hitler	Nazismo – Segunda Guerra Mundial.	10 milhões (dos quais 6 milhões foram judeus).
Pol Pot	Regime do Khmer Vermelho no Camboja, entre 1975 e 1979.	1,5 a 2 milhões de pessoas em apenas 4 anos.

Podemos assumir a postura, com a qual concordo, de que “uma morte, é já uma morte em excesso”. Mas quando consideramos os acontecimentos à luz da História, temos de concluir que a religião não merece a sua reputação de “estar na base de todas as inimizades no mundo”.

Hipótese de explicação para os crimes comparativamente muito maiores do ateísmo

Mas, qual a razão de todos estes acontecimentos? Porque é que, ao longo da História, o ser humano sentiu necessidade de guerrear e de matar, invocando, como desculpa, religiões ou filosofias?

No caso da religião, a resposta deve ser procurada nas situações em que houve uma união do poder terreno com o poder religioso.

No caso dos exemplos supostamente não religiosos, podemos identificar duas razões, que podem justificar que tenham sido tão mais graves do que os temas relacionados com a religião:

- Primeira razão – **filosófica**: aqueles líderes, inspirados por ideias seculares, acreditavam que estavam a criar um novo homem, uma nova sociedade, que o fim justificava os meios. Podemos suspeitar que o Nazismo foi o auge da ideia do darwinismo social...¹⁴



- A segunda razão é que estes homens operaram sem nenhuma das restrições morais que são o produto da religião – operavam sem limites.

O que podemos afirmar em relação a este tema é que, longe de ser a religião a causadora de conflitos, o que podemos observar na História é um efeito de limitação das consequências, nos casos em que a religião estava envolvida.

Conclusão

Como em artigos anteriores, verificamos que aquilo que geralmente é aceite como verdade nem sempre corresponde à realidade.

Por muito reprováveis que sejam os crimes cometidos em nome de religiões e filosofias, a comparação entre as religiões e o ateísmo demonstra claramente a magnitude bem diferente de uns e de outros

“O facto incontestável é que todas as religiões do mundo juntas não conseguiram, em três mil anos, nem chegar perto dos milhões assassinaados em nome do ateísmo nas últimas décadas.”¹⁵

Os crimes cometidos pelas religiões, foram-no, em grande medida, devido à sua associação com o poder político e não o contrário.

O pecado e Satanás são os verdadeiros responsáveis por todos os crimes cometidos na História. Seja devido a uma ideologia cristã distorcida ou ao seguimento de uma filosofia darwinista até às suas consequências lógicas.

Só existe paz em Deus e Ele convida-nos a gozar dessa paz já aqui na Terra e depois por toda a eternidade:

“Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). ■

Miguel Mateus

Engenheiro em Electrónica – Telecomunicações e Electrónica
Mestre em Investigação Operacional Grau de MBA
– Master in Business and Administration

Referências

1. Subtítulo do livro *A Verdade Sobre o Cristianismo*, em que se baseia esta série de artigos, por Dinesh D’Souza, sem edição Portuguesa e com edição Brasileira de Thomas Nelson Brasil.
2. Baseado em Dinesh D’Souza, *op. cit.*.
3. Autores como Sam Harris, Richard Dawkins, Steven Pinker, Daniel Dennett e mesmo Bertrand Russell são disso exemplos.
4. Robert Kurtner, *What Would Jefferson Do?*, citado em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 232.
5. Richard Dawkins, *O Capelão do Diabo*, citado em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 232.
6. Ver por exemplo *A Inquisição – O Reino do Medo*, de Tob Green, 2010, Editorial Presença e outras fontes citadas em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 232.
7. Edward Gibbon, citado em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 233.
8. Kamen, Henry, *The Spanish Inquisition: A Historical Revision*, em Português seria “A Inquisição Espanhola: Uma Revisão Histórica”, Yale University Press, 1997; Tob Green, *op. cit.*, 2010, Editorial Presença e outras citadas em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 232.
9. Tob Green, *op. cit.*, 2010, Editorial Presença.
10. Fontes citadas em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 235.
11. Christopher Hitchens, *Deus Não É Grande*, citado em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 239.
12. Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 238.
13. Chang Jung e Halliday, John, *Mao. A História Desconhecida*. São Paulo, Companhia das Letras 2006.
14. Weikart, Richard, *From Darwin to Hitler: Evolutionary Ethics, Eugenics, and Racism in Germany*, em Português seria “De Darwin a Hitler: Ética Evolucionista, Eugénica e Racismo na Alemanha”, 2004, citado em Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 248.
15. Dinesh D’Souza, *op. cit.*, p. 251.



Anúncios DA UPASD

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL

CONVENÇÃO PASTORAL

Data: 28 a 30 Novembro

Lugar: CAOD

* Este ano esta actividade não se destina às Esposas de Pastores

ENTRADA DE OBREIROS

Pr. Paulo Mendes

Depois de alguns anos de ausência, o pastor Paulo Mendes volta a integrar o corpo de obreiros da UPASD. Saudamos o seu regresso, na certeza de que virá fortalecer as nossas fileiras e de que o Senhor continuará a abençoá-lo no seu ministério. O pastor Paulo Mendes terá sob sua responsabilidade a igreja de Pinhal Novo, dando ainda a sua colaboração ao Departamento de Mordomia da UPASD.

João Catarino

Após concluir os seus estudos em Collonges, o irmão João Catarino regressa a Portugal, dando início ao seu estágio pastoral, sob a orientação do pastor Daniel Vicente, nas igrejas de Benavente e Salvaterra de Magos. Desejamos ao João Catarino e sua esposa Donatilde as mais ricas bênçãos para o desafio que terão pela frente.

REUNIÕES DE OFICIAIS DE IGREJA

As reuniões de Oficiais de Igreja realizam-se a 05 de Dezembro de 2010, às 09h30

RE Norte – no CAOD

RE Centro – na Igreja de Coimbra

RE Lisboa e Vale do Tejo – na Igreja de Lisboa Central

RE Alentejo e Algarve

– na Igreja de Évora – para o Alentejo

– na Igreja de Lagoa – para o Algarve

EDUCAÇÃO

INICIATIVAS NACIONAIS

CNE – Conselho Nacional de Educação

Data a definir;

Público-alvo: membros deste Conselho.

VISITAÇÃO

06 de Novembro – Igreja de Castelo Branco

13 de Novembro – Igreja das Caldas da Rainha

ÁREA DE EVANGELISMO

ESCOLA SABATINA, MINISTÉRIO PESSOAL E EVANGELISMO

Projecto Evangelístico “Florescer Mirandela” – Região Norte

Data: Outubro e Novembro 2010

Campanha de Evangelização Nacional

Data: 20 a 27 de Novembro

Local: Igreja Central de Lisboa com transmissão no site www.tvadventista.pt para todas as igrejas.

Hora: 20h30

Conferencista – Pr. Bill Santos, responsável do programa “It Is Written”, no Canadá.

Visite o Site do Departamento: www.adventistas.org.pt/evangelismo

Visite e divulgue o site do Instituto Bíblico de Ensino à Distância: www.institutoonline.org

ÁREA DA FAMÍLIA

FAMÍLIA

Novembro

06 – Visita à Igreja (manhã e tarde) – Évora

13 – Encontro com ENTAS de Cascais – Cascais

Dezembro

- 04 – Visita à Igreja (manhã e tarde)
– Salvaterra de Magos
- 11 – Visita à Igreja (manhã e tarde)
– Pombal

CRIANÇA

Visitas às Igrejas

- 06 de Novembro – Igreja de Lisboa-Central
- 18 de Dezembro – Igreja da Brandoa

MULHER

Novembro

- 06 – Visita à Igreja de Coimbra

Dezembro

- 11 – Visita à Igreja de Peniche

MORDOMIA

Nesta fase do ano, convidamo-vos a reflectir juntos sobre o uso que fizemos da nossa mordomia, através do envolvimento pessoal com o plano de Deus ao longo dos últimos meses e como temos gerido todo o potencial que Deus coloca à nossa disposição como Seus filhos, para executar e finalizar a Sua obra nesta terra. Deus tem favorecido cada um de nós, seja através do tempo, do corpo, da família, dos recursos financeiros, de capacidades naturais, adquiridas ou desenvolvidas. Possamos ter sempre presente de que “do Senhor é a Terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam”.

ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO NESTE TRIMESTRE

- 4 de Dezembro – Igreja do CAOD (Presença do Departamental)
Culto divino e programa da parte da tarde.
- 4 de Dezembro – Igreja Central (Presença do Adjunto para a Região de Lisboa e Vale do Tejo)

Culto divino e programa da parte da tarde. Lembramos que temos ainda em aberto, para programa nas igrejas da Região de Lisboa e Região Centro, o dia 6 de Novembro. Para solicitar a presença do Departamento nesses dias, devem efectuar a vossa solicitação para mordomia@adventistas.org.pt ou através dos contactos normais da UPASD, junto da secretária do Departamento, irmã Ausenda Martins. Os pedidos serão atendidos por ordem de chegada.

Dia Mundial da Mordomia – 04 de Dezembro

PUBLICAÇÕES

VISITA ÀS IGREJAS:

- 06 de Novembro – Igreja de Elvas
- 11 de Dezembro – Igreja de Odivelas

27, 28, 29 de Dezembro – Convenção de Colportores

SAÚDE E TEMPERANÇA

VISITAS DO DEPARTAMENTAL ÀS IGREJAS

Novembro

- 13 – Igreja de Albufeira
- 27 – Igreja de Brandoa (a confirmar)

Dezembro

- 11 – Igreja de Pedrouços

SERVIÇO ADRA

Concertos de Angariação de Fundos
Região de Lisboa e Norte– 18 e 19 de Dez.

SERVIÇO DE MÚSICA & LITURGIA

06 de Novembro – Visita à Igreja do CAOD

Aproveite esta oportunidade!

Livraria



das 10h às 17h

Antecipe as suas **compras** de Natal!

Nos domingos **7, 14, 21 e 28** de Novembro estaremos **abertos!**

• Lançamentos

• Novidades em Bíblias e Livros do Brasil

• Assinaturas



• Promoções



Como cá chegar...



Publicadora Servir, S.A.

Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
Portugal

Tel.: 21 962 62 00
Fax.: 21 962 62 01